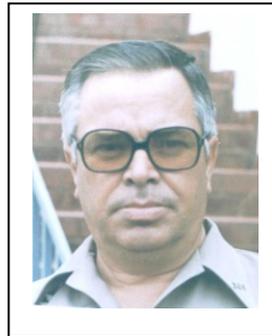


FHE **POUPEX**

BICENTENÁRIO DA FREGUESIA N.S.DA CONCEIÇÃO DE CANGUÇU-RS 31 JAN.2012



Cel CLÁUDIO MOREIRA BENTO

Historiador Militar e Jornalista, Presidente e Fundador da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) e da Academia Canguçuense de História (ACANDHIS) e sócio benemérito do Instituto de História e Geografia Militar e História Militar do Brasil (IGHMB) e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e integrou a Comissão de História do Exército do Estado- Maior do Exército 1971/1974. Presidente emérito fundador das academias Resendense e Itatiaense de História e sócio dos Institutos Históricos de São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina etc. Foi o 3º vice presidente do Instituto de Estudos Valeparaibanos IEV no seu 13º Encontro em Resende e Itatiaia e que coordenou o Simpósio sobre a Presença Militar no Vale do Paraíba, cujas comunicações reuniu em volumes dos quais existe exemplar no acervo da FAHIMTB doado a Academia Militar das Agulhas Negras. É Acadêmico e Presidente Emérito fundador das Academias Resende e Itatiaense de História, sendo que da última é Presidente emérito vitalício e também Presidente de Honra. cursou a ECEME 1967/1969. E foi instrutor de História Militar na AMAN 1978-1980, onde integrou comissões a propósito dos centenários de morte do General Osório Marques do Herval e do Duque de Caxias. Nasceu em Canguçu em 19 outubro de 1931 entre as revoluções de 1930 e 1932. Estudou no Colégio N.S da Conceição 1938-1944 em período coincidente com a 2ª Guerra Mundial. Ao final a relação de seus trabalhos sobre a História de Canguçu e disponíveis em Livros e Plaquetas no site da FAHIMTB www.ahimtb.org.br

Plaqueta o do autor digitalizada para ser colocado na Internet em Livros e Plaquetas, no site da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil www.ahimtb.org.br e cópia impressa no acervo da FAHIMTB, doado em Boletim à AMAN e em desenvolvimento para integrá-lo no Projeto Pergamum de bibliotecas do Exército.



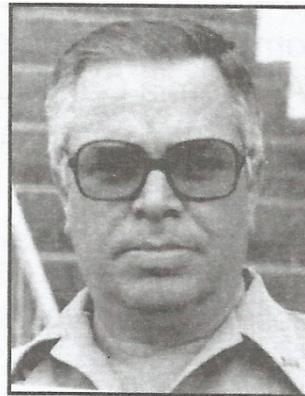
ACADEMIA CANGUÇUENSE DE HISTÓRIA



**BICENTENÁRIO DA FREGUESIA
NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO
DE CANGUÇU
31 DE JANEIRO DE 2012**

Cel. Cláudio Moreira Bento

BICENTENÁRIO DA FREGUESIA NOSSA SRA. DA CONCEIÇÃO DE CANGUÇU 31 DE JANEIRO DE 2012



Coronel Claudio Moreira Bento
Presidente da ACANDHIS



Edição da FEDERAÇÃO DAS ACADEMIAS DE HISTÓRIA MILITAR
TERRESTRE DO BRASIL

RESENDE-RJ, 2011

Composição da Capa: A bicentenária imagem de Nossa Senhora da Conceição da igreja Matriz de Canguçu, a mais preciosa relíquia da comunidade. Sua escolha como padroeira deve-se a projeção estratégica militar da localidade de Canguçu fundada em 1800, como medida defensiva preventiva, com vistas a barrar uma 3ª invasão espanhola ao Rio Grande do Sul, a partir do Forte do Cerro Largo no atual Uruguai e repelida na Guerra de 1801. Nossa Senhora da Conceição era a padroeira e rainha do Reino de Portugal e em especial a padroeira do Exército de Portugal e por extensão a padroeira do Exército Imperial do Brasil e devoção de seus integrantes e em especial de seu Patrono o Duque de Caxias, o pacificador da Revolução Farroupilha, que determinou a recuperação da Igreja de Canguçu quase em ruínas ao final da Revolução, em consideração a sua padroeira, a padroeira do Exército Imperial e sua grande devoção.

Digitação dos originais: O autor e a professora Ivonete Maria Costa.

Ilustrações: Pelo autor com fotos, em maioria do Arquivo Conrado Ernâni Bento, patrono da Academia Canguçuense de História, algumas de pouca qualidade, mas ruim com elas, pior sem elas.

Revisão: Manoelina Gomes Fonseca de Carvalho da Gráfica Irmãos Drumond de Barra Mansa-RJ.

Diagramação: Carlos Eduardo Ferreira Ávila da Gráfica Irmãos Drumond.

Representante Comercial: José Antônio Alves da Gráfica Irmãos Drumond.

CATALOGAÇÃO INTERNACIONAL DA PUBLICAÇÃO

Bento, Cláudio Moreira. Bicentenário da Freguesia Nossa Senhora da Conceição de Canguçu. 31 jan 2012. Resende: ACANDHIS, 2011.

54 pg.

ISBN: 978-85-60811-17-5

1-História de Canguçu-RS

2-Nossa Senhora da Conceição padroeira de Canguçu-RS

3-Cláudio Moreira Bento

4-Primeiros povoadores de Canguçu-RS

Catálogo na publicação
Departamento Nacional do Livro

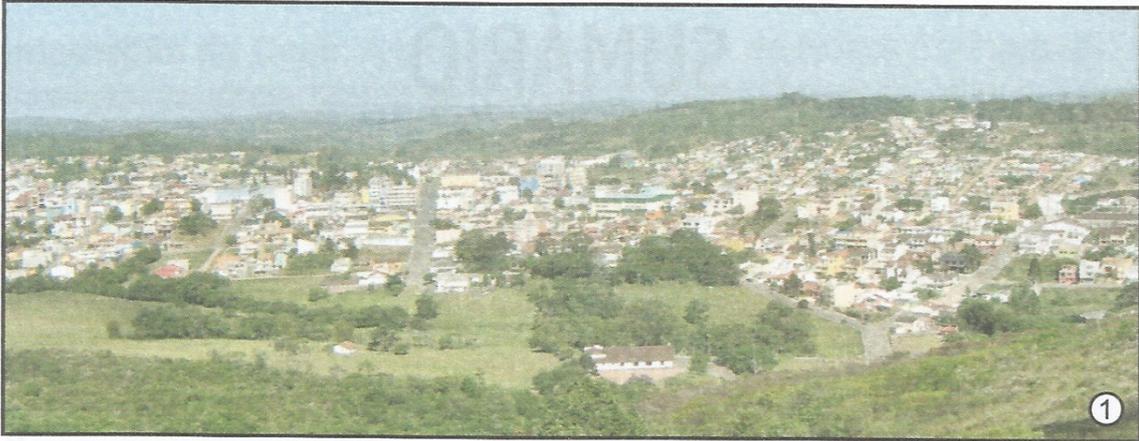
SUMÁRIO

Prefácio	5
Apresentação	7
Criação de Canguçu Freguesia pelo Príncipe Regente	

D. João, de Portugal, no Brasil.....	9
Antecedentes de Canguçu à criação da Freguesia	
Nossa Senhora da Conceição de Canguçu.....	10
O contexto histórico da criação de Canguçu Freguesia ...	19
A visita a Canguçu Freguesia em 1815 pelo Bispo do	
Rio de Janeiro	20
Canguçu - RS, primitivos moradores, primeiros batismos	
1800-1813	22
O Cinquentenário da Freguesia de Canguçu em 1862 ...	26
Canguçu no Centenário como Freguesia em 1912	29
Canguçu em 1912, na visão do fotógrafo Rafael Crecco .	37
Fotos de outras fontes e datas de como era Canguçu	
em 1916	40
Academia Canguçuense de história - Breve Histórico.....	47

**A concretização desta obra
foi possível graças ao apoio da:
Associação de Poupança e Empréstimo**





Monumento a Nossa Senhora da Conceição, no Cerro dos Borges, inaugurado em 8 de dezembro de 2010. Evento abordado pelo autor e pelo jornalista Cairo Moreira Pinheiro no Informativo tríplice **O Guararapes, O Gaucho e Memoria**, respectivamente das seguintes entidades fundadas e presididas pelo autor; Academia de Historia Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB), Instituto de Historia e Tradições do RGS (IHTRGS) e Academia Canguçuense de Historia (ACANDHIS) Fotos: 1- Vista a partir do monumento da cidade de Canguçu, 2- Vista parcial de Canguçu e 3- Por trás do monumento. Fotos tomadas pelo autor no dia da inauguração.

Prefácio

"A vida só pode ser compreendida olhando-se para trás; mas só pode ser vivida olhando-se para frente."

Kierkegaard

"A historia nasce e perpetua-se na alma e tradição de um povo. É tão sagrada quanto sagrada é a vida! Perpassa o tempo e o espaço ilustrando cada instante como um novo desafio, uma nova aprendizagem e um novo capítulo no seu vir a ser. O Historiador Cel. Cláudio Moreira Bento, como aluno do CFNSA- 1938-1944 já despontava como um **'historiador de vocação em potencial'**. Suas obras apresentam a riqueza de novas descobertas na releitura do passado que, transformadas em herança no presente, projetam o futuro. Hoje é, **'indiscutivelmente, um descortinador dos fundamentos da historia que dá sentido a vida de nossa terra e nossa gente.'**

Sempre é muito gratificante falar sobre o trabalho de um autor como o Cel. Claudio Moreira Bento, que sabe expressar seu incontestável talento não só com os recursos que lhe faculta a inteligência, mas também com os sentimentos que lhe saem do coração. Nesta frutuosa obra literária, o autor consegue reportar--se a épocas remotas, revivendo personalidades, fatos e sabedoria popular, que sempre serão úteis conhecer em determinadas ocasiões de nossas vidas; volta a um passado bem longínquo, desde a criação da Freguesia N^a. Sr^o, da Conceição de Canguçu, criada em 31 de janeiro de 1812 pelo Príncipe Regente D. João de Portugal no Brasil; destacada a insigne visita do Bispo do Rio de Janeiro à Freguesia de Canguçu em 1815 e retrocede um pouco quando se refere aos primitivos moradores aos primeiros batismos, pelos idos de 1800 - 1813. Por ai segue o escritor, pondo à disposição do leitor, revelações e ensinamentos históricos surpreendentes. Retratando Canguçu no Centenário como Freguesia, o historiador faz um relato muito interessante sobre as casas comerciais da época, relembra as famosas cacimbas, principais fontes de abastecimento de água em Canguçu e enriquece seu trabalho com memoráveis fotografias de ambientes e casarões daquele tempo. Prossequindo, chega a tempos não tão distantes, pondo à vista a foto da casa de seus Pais, Conrado Ernâni Bento e Cacilda Moreira Bento, prédio onde nasceu e viveu sua infância e parte da adolescência.

Muito original é o pensamento do escritor quando declara haver sido um **'ressuscitador de centenas de pessoas'** e almeja ser recebido festivamente por todos aqueles aos quais em sua obra literária deu vida, não poupando esforços para reviver suas memórias.

Queira Deus, que sempre haja alguém que diga ou escreva algo que precisamos ouvir ou ler. ***"E, aqui está o nosso escritor, historiador insigne, Cláudio Moreira Bento, colocando ao nosso alcance todo o seu talento para que tenhamos o privilégio de melhor conhecer a história de Canguçu, nossa amada terra."***

Em nome da ACANDHIS os seus Acadêmicos Yonne Sherer Bento, Alette Martins Ribeiro, Irmã Cecília Ivone Rigo e Cairo Moreira Pinheiro

Canguçu, dezembro de 2011

Apresentação

Aluno de 1938/44 do Colégio N. Sra. Aparecida, procurava com interesse nos livros de História, a saga de minha terra natal Canguçu, sem quase nada encontrar de expressivo. Como um historiador de vocação em potencial, tinha sensação de haver nascido num município marginal na História, nacional, estadual e regional. E esta sensação era mais aguda e pungente ao ouvir colegas de adolescência no Colégio Gonzaga em Pelotas de 1945/50, e da Escola Preparatória de Cadetes em Porto Alegre 1951/52 e na Academia Militar das Agulhas Negras 1953/55, em Resende-RJ falarem com orgulho da História, das terras e gentes de seus berços natais.

Em 1995 egresso na Academia Militar das Agulhas Negras, fiz o firme propósito de virar o jogo e resgatar a História de Canguçu com vistas, inicialmente, a comemoração em 1957. do centenário de Canguçu como município.

E para tal fiz um grande esforço sem conseguir dados históricos efetivos para realizar meu sonho, mas valeu o que consegui obter de meu pai Conrado Ernâni Bento, que colecionava e preservava fontes de História de Canguçu e me transmitia oralmente o que sabia, em resposta a meus questionamentos. E fomos a luta, que já dura 56 anos, nos quais pude concretizar este sonho traduzido pelas obras que produzi e constantes na relação na 4ª capa intitulada, Principais obras do autor sobre Canguçu.

O recente trabalho Bicentenário da Freguesia N. Sra. da Conceição de Canguçu, 31 de janeiro de 2012 constitui uma síntese do meu esforço como historiador, para integrar meu querido berço natal-Canguçu à historiografia de Portugal, à brasileira, á gaúcha e a da AZONASUL e em especial na historiográfica militar terrestre. E espero que os leitores e em especial os historiadores concordem!

Creio que meu objetivo foi plenamente conquistado!. **Missão bem cumprida!**

Esperamos que outros historiadores, e em especial os integrantes da academia Canguçuense de História, de hoje e do amanhã, a qual fundamos em 13 de setembro de 1988, no centenário de meu pai, Conrado Ernâni Bento e desde então patrono da entidade, em reconhecimento ao seu grande esforço de colecionar e preservar fontes da História de Canguçu, as quais muito usei em meu trabalho de restaurar a memória e identidade histórica de Canguçu.

E finalmente, espero que os estudantes Canguçuenses da rede pública e privada de ensino de Canguçu, não sintam como eu senti, como aluno da CFENSA, a sensação de haver nascido num local sem História e marginal, em especial, na historiografia do Rio Grande do Sul.

E merece ser feito um grande esforço no resgate e registro da História Contemporânea de Canguçu a partir de 1983, ano da 1ª edição de meu livro **Canguçu reencontro com a história, um exemplo de reconstituição de memória comunitária**, publicado pelo Instituto Estadual do Livro, na administração da Secretaria de Cultura do RGS de Luiz Carlos Barbosa Lessa, autor então do prefácio da obra.

Obra que foi uma síntese do trabalho original, em dois volumes com cópias Xerox que distribuí as Bibliotecas do CFENSA, ao Instituto Histórico e Geográfico do RGS, ao Arquivo Nacional, ao Instituto Histórico e Geográfico do RGS, ao Arquivo Nacional, ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, ao Instituto de História e Geografia Militar do Brasil e a Biblioteca do Exército, conforme abodor em nota *Advertência*, depois da Introdução na 1ª edição.

Criação de Canguçu Freguesia pelo Príncipe Regente D. João de Portugal no Brasil

A Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Canguçu foi criada em 31 de janeiro de 1812, pelo Príncipe Regente D. João, depois de consultada a Mesa de Consciências e Ordens presidida pelo 8º Bispo do Rio de Janeiro, D. Caetano da Silva Coutinho. E com a freguesia de Canguçu, foram criadas as freguesias de Pelotas e Jaguarão, denominadas em artigo pelo canguçuense e historiador pelotense Major Ângelo Pires Moreira, de freguesias gêmeas.

No Brasil Colônia como em Portugal não havia distinção entre freguesia e paróquia. A freguesia era a menor divisão administrativa e correspondia à paróquia civil de outros países.



Príncipe Regente D. João de Portugal, o criador das Freguesias gêmeas de Canguçu, Pelotas e Jaguarão em 31 de janeiro de 1812.

A freguesia era governada por uma Junta de Freguesia, órgão executivo, eleita por membros da Assembleia da Freguesia, cujo presidente era automaticamente, o candidato mais votado.

A Freguesia Nossa Senhora de Canguçu esteve subordinada ao município de Rio Grande de 1812 a 1830, por cerca de 18 anos e ao município de Piratini, de 1830 a 1857, por cerca de 27 anos, inclusive no período da Revolução Farroupilha 1835 - 45, sendo que de 1836 - 45 integrada à República Rio Grandense. Era o vigário de Canguçu, durante a Revolução Farroupilha, o padre Hipólito Ribeiro que a dirigiu, de 1821 a 1857, por cerca de 36 anos, até Canguçu ser criado como o 22º município do Rio Grande do Sul.

Existem documentos originais das votações da Assembleia da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Canguçu e assinados por nosso trisavô materno Serafim José da Silveira que presidiu a Câmara de Vereadores da República Rio Grandense em

Piratini. A ele se deve o ardil de ser eleito presidente da República Rio Grandense, em substituição ao General Bento Gonçalves preso na ilha do Fanfa e enviado para o Rio de Janeiro e depois para a Bahia, o seu velho amigo Gomes Jardim, em cuja casa em Guaíba viria a falecer em 1849. Isto para evitar que o cargo fosse ocupado pelo vice presidente Fontoura, conhecido boêmio e mulherengo que mais tarde foi assassinado em Alegrete, por um marido traído.

Antecedentes de Canguçu à criação da Freguesia N. Sra. da Conceição de Canguçu

Em 1737 o Rio Grande do Sul foi fundado com o desembarque do Brigadeiro José da Silva Pais em Rio Grande, onde fundou a Fortaleza Jesus-Maria - José I.

De 1752 -1756, teve lugar a Guerra Guaranítica, provocada pela reação dos índios dos Sete Povos das Missões, liderados pelos Jesuítas, de abandonarem aquela região para ela ser entregue a Portugal, em troca de Colônia de Sacramento e serem povoados por casais de açorianos.

Em 1754 foi fundada em Rio Pardo, pelos Dragões do Rio Grande que lá se estabelecem, na Fortaleza Jesus-Maria José II.

Em decorrência, foi estabelecido através de Canguçu um caminho histórico de ligação entre as fortalezas de mesmo nome, em Rio Grande e Rio Pardo. Caminho que atravessava o rio Camaquã pelo passo hoje conhecido como Vão dos Prestes e na época conhecido como passo do Camaquã de Baixo.

Em 1763 os espanhóis invadiram o Rio Grande do Sul pelo litoral e conquistam a Vila de Rio Grande que dominariam por 13 anos, até sua reconquista por Portugal, em 1º de abril de 1776.

Para combater esta invasão, os portugueses recorreram a guerrilha, com a seguinte orientação estratégica, na impossibilidade de enviarem recursos militares em socorro do atual Rio Grande do Sul.

"A guerra contra o invasor será feita com pequenas patrulhas localizadas nas matas e nos passos dos rios e arroios, de onde sairão ao encontro do invasor para surpreender-lhes, causar-lhes baixas, arruinar-lhes gados, cavalhadas e suprimentos e ainda trazer-lhes em constantes e contínua inquietações."



Em Canguçu, na atual Coxilha do Fogo, para onde convergiam os passos do Camaquã, foi estabelecida uma Base de Guerrilha portuguesa sob a liderança do Tenente de Dragões, Rafael Pinto Bandeira.

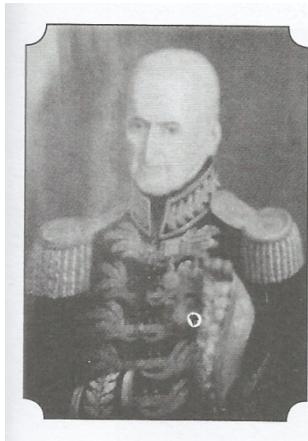
O Brigadeiro Rafael Pinto Bandeira explorador das terras de Canguçu que como major do Dragões de Rio Grande comandou em Canguçu uma base de guerrilhas para combater as invasões espanholas de 1763 e 1774. O estudamos nas obras Comando Militar do Sul 1995 e em Canguçu reencontro com a História. 2007. 2ª Ed.

A partir de Canguçu esta guerrilha penetrava no atual Uruguai para arrear gado vacum e cavalar e os tropear para as terras de Canguçu atual, além de destruir estabelecimentos espanhóis, tudo visando tirar o gado cavalar e vacum dos possíveis caminhos de invasão ao Rio Grande do Sul. O cavalo e o boi eram fundamentais para os transportes de soldados e cargas do invasor e para a alimentação de um Exército.

Este tipo de guerra deu origem à **Guerra à gaúcha**, de característica regional que estudei na **Antologia do CIPEL** e em outras obras como na **História da 3ª RM 1994,v.1** e na obra **O Gaúcho criador da Imprensa Brasileira** (Hipólito da Costa), 2005 e em **Canguçu reencontro com a História** 2007.

Em 1773/74 o Governador de Buenos Aires, o mexicano D. Vertiz y Salcedo invadiu o Rio Grande do Sul pela Campanha. E próximo de Bagé atual construiu a Fortaleza de Santa Tecla para impedir as arreadas das guerrilhas portuguesas em território espanhol. Guerrilhas que possuíam suas bases nas serras dos Tapes e do Herval. E de Santa Tecla pretendeu prosseguir para conquistar Rio Pardo e varrer das serras dos Tapes (Canguçu atual) e da do Herval (Encruzilhada do Sul atual) as guerrilhas portuguesas.

Derrotado frente a Rio Pardo, decidiu retirar-se célere para a Vila de Rio Grande através de Canguçu atual, perseguido por Rafael Pinto Bandeira. Atravessou o rio Camaquã no passo desde então conhecido como Passo da Armada, referência a Armada (denominação de Exército em espanhol). E ali foi emboscado por Pinto Bandeira, além de ser obrigado a escavar pistas para seus canhões chegarem até o rio para a travessia.



A Guerra terminou em 1º de abril de 1776, com a expulsão dos espanhóis da Vila de Rio Grande, depois de expulsos do Forte São Martinho, que impedia o acesso das guerrilhas às Missões e situado acima de Santa Maria e da Fortaleza de Santa Tecla, que impedia o acesso das guerrilhas ao atual Uruguai, junto com a de Santa Tereza, hoje no Uruguai.

Marechal Patrício Correia da Câmara grande fronteiro da Fronteira de Rio Pardo atravessou Canguçu de 15 a 21 de abril de 1776, como major comandante de uma Companhia dos Dragões de Rio Pardo com destino ao arroio Taim, depois de participar da conquista e arrasamento da Fortaleza de Santa Tecla, em março de 1776.

Face ameaça de nova invasão ao Rio Grande, o Major Patrício Correia da Câmara recebeu ordens de deixar Santa Tecla com sua Companhia de Dragões e tomar posição no arroio Taim. E nesta missão ele atravessou o território atual de Canguçu, de norte a sul, nos dias 15 a 21 de abril de 1776. deixando em seu detalhado relatório de Campanha que publiquei, as p. 83/93 de meu livro em parceria com o Cel Luiz Ernâni Caminha Giorgis **3ª Brigada de Cavalaria Mecanizada - Brigada Patrício Correia da Câmara**.2002. com valiosas informações sobre o território canguçuense. Informações que detalhei em **Canguçu reencontro com a História**.

Com a expulsão dos espanhóis de Rio Grande as terras de Canguçu reabriram-se à exploração pelos portugueses.

Mas a ameaça de nova guerra persistiu por inconformidade dos gaúchos com o Tratado de São Ildefonso de 1777, imposto por Espanha, pelo qual Colônia do Sacramento e os Sete Povos das Missões ficaram com a Espanha. Tratado que estabeleceu a fronteira Portugal - Espanha, de fato, no rio Piratini.e separadas por faixa de terreno neutra , **"sem lei e sem rei"** até demarcação definitiva. O território do atual município de Santa Vitória foi transformada em Campo Neutral, ou terra de ninguém. Estudamos estas guerras pioneiramente em detalhes em nosso livro **A Guerra da Restauração**. BIBLEx, 1996. hoje digitalizado e disponível em Livros e Plaquetas no site da FAHIMTB www.ahimtb.org.br .

Em 1783, decorridos 6 anos da expulsão dos espanhóis do Rio Grande do Sul Portugal criou em Canguçu Velho atual, a Real Feitoria do Linho Cânhamo do Rincão do Canguçu.



Sede da Real Feitoria do Linho Cânhamo do Rincão do Canguçu 1783/89 que estudamos em detalhes em nosso livro *Em Canguçu - RS a sede da Real Feitoria... 2009*. Em 1972 localizamos as ruínas do sobrado e do mangueirão quadrado feito de pedra, da citada Real Feitoria. (Fonte foto na capa op.cit). Ao lado capa nosso livro *Canguçu reencontro com a História*, contendo a história de Canguçu restaurada depois de 50 anos de pesquisas.

E foi para protegê-la de uma invasão espanhola que ela foi removida para São Leopoldo atual, em 1789 e fundada neste mesmo ano, junto a fronteira no rio Piratini, a Vila dos Casais, a atual cidade de Piratini, na forma de um primeiro posto de vigilância, avançado, para apoio a uma resistência em caso de invasão. E cinco anos depois em 1784, Comissão Demarcadora dos Limites no Rio Grande do Sul levantou um mapa da Fronteira Espanha-Portugal onde em Canguçu só aparece o nome Cerro Partido. Este local assinalando um nó orográfico, formado por cursos d'água que ali nascem e desaguam na Lagoa dos Patos, no rio Camaquã e rio Piratini. Publicamos reprodução deste mapa no tocante a ocupação do Vale do Piratini em nosso livro **O Negro e descendentes na Sociedade do Rio Grande do Sul** em 1976.

Este nó orográfico era ponto de passagem obrigatório para quem do rio Camaquã pretendesse atingir o local da cidade atual de Canguçu se deslocando por divisores de água. O mais importante era da Coxilha de Santo Antônio, linha seca a partir da Lagoa do Junco para quem viesse de Piratini e Caçapava atingir Canguçu.

Em 1799 surgiu a ameaça de nova guerra contra os espanhóis na fronteira gaúcha, no rio Piratini.

E Canguçu foi fundada como capela curada, em invocação a Nossa Senhora da Conceição, como uma providência estratégica defensiva do território e um aprofundamento da defesa estabelecida dez anos antes no corte do rio Piratini, representada pela Vila dos Casais, a atual Piratini.

E junto com Canguçu, e sobre possíveis caminhos de invasão ao Rio Grande do Sul, a partir do Forte de Cerro Largo, no atual Uruguai, foram fundadas as capelas curadas de Caçapava do Sul atual e Encruzilhada do Sul atual. As duas últimas sobre o caminho histórico de invasão Santa Tecla - Lavras - Caçapava do Sul - Encruzilhada do Sul - Rio Pardo. E Canguçu sobre um terceiro caminho de invasão muito usado pelas guerrilhas para penetrar no Uruguai a partir de Canguçu: Forte do Cerro Largo - Passo Centurion ou Nossa Senhora da Conceição no rio Jaguarão - Herval do Sul - Piratini - Canguçu, onde alcançaria o caminho histórico de união das duas bases militares portuguesas, a de Rio Grande com a de Rio Pardo.

Canguçu aprofundando a defesa de Piratini e que se conquistado poderia o invasor espanhol ora inflectir sobre o Rio Grande ou sobre Rio Pardo, as duas bases militares de Portugal no Rio Grande do Sul.

As Capelas de Caçapava, Encruzilhada e Canguçu foram estabelecidas pelo padre visitador Frei Bento Cortez de Toledo, representante do Bispo do Rio de Janeiro.

A de Canguçu foi criada em 30 de dezembro de 1799, pelo governador do Rio Grande do Sul, subordinado ao Rio de Janeiro, Tenente General Sebastião Xavier da Veiga Câmara. Foi instalada em 1º de janeiro de 1800, com o lançamento da Pedra Fundamental da Capela Curada Nossa Senhora da Conceição de Canguçu.



A imagem da padroeira de Canguçu e padroeira de Portugal e sua rainha desde 25 de março de 1646 por consagração do Rei D. João IV, conforme tratamos em detalhes em 8 de dezembro de 2010 no Informativo tríplice O Guararapes, O Gaúcho e o Memória na inauguração do Monumento a N. Sra. da Conceição no Cerro dos Borges. É a mais antiga relíquia comunitária e que também a abordo na obra Os 200 anos da Igreja Matriz N. Sra. da Conceição de Canguçu.2000.

Foi nomeado inspetor da capela Curada de Canguçu o Tenente Coronel Jerônimo Xavier do Azambuja, subcomandante da Legião de Cavalaria Ligeira, encarregada da defesa da fronteira de Rio Grande, que era dividida da Fronteira de Rio Pardo pelo rio Camaquã.

Assim, oficialmente, foi fundado Canguçu atual, num contexto estratégico de guerra iminente. E o local povoado, que surgira no local onde funcionara a Real Feitoria do linho Cãhama até 1789, decorridos dez anos passou a chamar-se Canguçu Velho.

A capela Curada de Canguçu passou a figurar como um Distrito Militar subordinado a Rio Grande.



O Conde de Resende, fundador do ensino militar acadêmico nas Américas e do ensino superior civil no Brasil em 1792, foi o doador em 1795 como Vice Rei, do Rincão do Tamanduá, ao Capitão-Mor Paulo Xavier Prates, que por sua vez o doou por escritura pública, a N. Sra. da Conceição. O estudei no O Guararapes, nº 1, Edição Especial de 20 março 2011, disponível em Informativo no site da FAHIMTB www.ahimtb.org.br.

Em 1795 onde se ergue a cidade de Canguçu, o 13º Vice Rei do Brasil e Visconde de Resende, nosso patrono de cadeira na Academia Resendense de História (ARDHIS), por nós fundada em 1992, havia concedido uma sesmaria ao Capitão-Mor Paulo Rodrigues Xavier Prates, pondo fim a uma disputa das terras citadas com este Capitão-Mor, cuja sede de sua propriedade ficava na ilha Canguçu, que passou a história como ilha da Feitoria. Ou ilha que foi agregada a estância da Feitoria que sucedeu a Real Feitoria em Canguçu Velho.

De 14 de julho a 17 de dezembro de 1801, a fronteira do Rio Grande entrou em guerra com os espanhóis. E o Distrito Militar de Canguçu tomou parte. A ele pertenciam os seguintes militares, além do Tenente Coronel Jerônimo de Azambuja, natural de Viamão.

Capitães Manoel Francisco de Azambuja (natural de Setúbal - Portugal) e Antônio Marques Arzão (Natural de Taubaté-SP). Tenente Domingos Alves Lisboa (Natural de Rio Grande). Alferes José Theotônio Bandeira (Natural do Porto- Portugal) Manoel Quintiliano Prestes (Natural de Taubaté-SP), e José de Souza Pereira (Natural do Arraial do Prados MG) e mais o Furriel Manoel de Souza Oliveira. (Natural de Rio Grande) nosso tetravô materno, pai de Antônio de Souza Mattos e avô do Ten Cel Honorário do Exército Theophilo de Souza Matos e de seu primo irmão General (Revolucionário. 1923) Zeca

Netto. O Furriel Manoel era filho de açorianos da Vila Nova do Topo da ilha São Jorge. Antônio de Souza Mattos foi casado com Anna Rodrigues de Sene nascida em Rio Grande.

O Furriel Manoel era da Companhia do Distrito Militar. Foi escolhido, como era tradição entre os soldados mais práticos e entendidos da vida militar e que sabiam ler e escrever. A sua missão era a de selecionar e distribuir os alojamentos quando sua companhia estava em marcha. Recebia do almoxarife a cevada e tudo o mais que se distribuía aos soldados, inclusive e principalmente munição, e organizar o pagamento. Marchando a frente da companhia enviava mensagens a tropa sobre os alojamentos, disponíveis Na companhia, sendo pessoa de respeito e soldado prático, na ausência do alferes poderia, se assim decidisse o capitão, comandar a companhia.

As hostilidades iniciaram com o ataque as guardas espanholas estabelecidas entre os rios Piratini e Jaguarão. Participaram destas ações seguramente os citados integrantes do Distrito Militar de Canguçu.

Antes, em 17 de junho, tropas luso-brasileiras combateram os espanhóis no Passo das Perdizes, obtendo vitória. Entre os heróis deste combate encontrava-se o Fiscal da Capela de Canguçu, e que contribuiu com a maior quantia para construir a capela de Canguçu, o tenente Coronel Jerônimo de Azambuja, antigo integrante da guerrilha de Pinto Bandeira, baseada no atual município de Canguçu. Conquistados na guerra de 1801, os territórios entre os rios Piratini e Jaguarão e os Sete Povos das Missões, luso-brasileiros que viviam ao norte do rio Piratini, partem para povoar com suas estâncias, os terrenos conquistados aos espanhóis e não devolvidos, em razão da Espanha não haver devolvido a cidade portuguesa de Olivença que conquistara.

Na Europa, Napoleão conquistou a Espanha e prendeu seu rei. E em Portugal, a Família Real, para escapar do mesmo destino, transferiu a sede do Reino de Portugal para o Brasil, aonde chegara em 1808.

E no Brasil para tomar diversas providências, inclusive a de fortalecimento de nossa Fronteira do Rio Grande, de possíveis ações militares argentinas, visando incorporar o atual Uruguai e partes do Rio Grande do Sul, para reconstituir o antigo Vice-Reinado da Prata.

E sendo a Rainha Carlota, no Brasil, irmã do rei da Espanha preso por Napoleão, ela se candidata a incorporar ao Brasil, o atual Uruguai subordinado a Espanha.

Assim, em 1809 foi criada a Capitania de Rio Grande do Sul, independente do Rio de Janeiro, a qual o Rio Grande do Sul esteve subordinado de 1737 a 1809, por cerca de 72 anos. E com a Capitania teve início a atual 3ª Região Militar por nós abordada em nosso livro **História da 3ª Região Militar 1807-1889 e Antecedentes**, v.1, marco inicial do Projeto História do Exército no Rio Grande do Sul, por nós conduzido e ora concluído com 20 volumes.

O contexto histórico da criação de Canguçu Freguesia

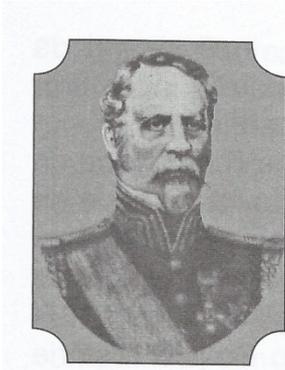
Em 1810 começou a emancipação da Argentina do domínio de Espanha e nossa fronteira foi violada por desordeiros, que atuavam na Argentina e Uruguai. Para prevenir estes males e outros maiores, foi organizado no Rio Grande do Sul, em 1811, o Exército de Observação da Capitania.

Ameaçado por argentinos e orientais (uruguaios), o governador espanhol Hélio, do Uruguai pediu auxílio ao Príncipe Regente D. João, cunhado do rei de Espanha prisioneiro de Napoleão. E foi organizado, em 1812, em Bagé, atual, então fundada, o

Exército Pacificador da Banda Oriental, por transformação do Exército de Observação da Capitania.

E sob o comando do General D. Diogo de Souza, Capitão General e Governador da Capitania do Rio Grande, o Exército Pacificador invadiu o atual Uruguai, pelo passo Centurion no rio Jaguarão.

E foi quando o Exército Pacificador se encontrava em Maldonado, no atual Uruguai, que a capela curada de Canguçu foi elevada a Freguesia, em 31 de Janeiro de 1812. Decorridos 4 meses, o Exército Pacificador recebeu ordem, em 10 de julho de 1812, de retornar ao Rio Grande do Sul E nele seguramente os canguçuenses de seu Distrito Militar.



Marechal de Campo Manoel Marques de Souza 1º. O comandante dos canguçuenses na guerra de 1801 e na Campanha do Exército Pacificador em 1812. Era avô do Conde de Porto Alegre Manoel Marques de Souza III, comandante superior na Guerra do Paraguai, do Corpo de Cavalaria da Guarda Nacional de Canguçu, ao comando do Ten Cel Honorário do Exército Theophilo de Souza Matos. Estudei o Conde de Porto Alegre na obra **Conde de Porto Alegre 2005 em parceria com o Cel Luiz Emani Caminha Giorgis.**

E desta operação militar participaram canguçuenses do Distrito Militar de Canguçu, as ordens do Coronel Manoel Marques de Souza 1º, grande sesmeiro em Canguçu, no hoje território de Cerrito e que foi o primeiro filho do Rio Grande do Sul a governar como capitania independente. Hoje é o patrono da 8ª Brigada de Infantaria Motorizada em Pelotas e por nossa sugestão, e grande comando do Exército, de cuja história sou o autor, tendo como parceiro o Cel Luiz Ernâni Caminha Giorgis.

A visita do Bispo do Rio de Janeiro a Canguçu Freguesia em 1815

Visita a Canguçu dias 25, 26 e 27 de novembro de 1815 do Bispo do Rio de Janeiro

Canguçu foi visitado pelo 8º Bispo do Rio de Janeiro (1807-33) D. José Caetano da Silva Coutinho. Tratei em detalhes desta visita no **Diário Popular** de Pelotas de 22 março de 1977.

D. José Caetano nasceu em Caldas da Rainha - Portugal, em 1767, quando o Rio Grande do Sul fazia quatro anos fora invadido pela Espanha e conquistado Rio Grande do Sul atual Bacharelou-se em Cânones em Coimbra. Sagrado Bispo de Lisboa em 15 de março de 1807, conseguiu burlar as tropas de ocupação de Napoleão e chegou ao Rio de Janeiro um mês e meio depois da Família Real.

Piratini foi Freguesia criada por sua proposta em 3 de Abril de 1810. Canguçu foi a terceira após Pelotas, dentro da precedência que observou no ato de criação, embora gêmeas.

Os limites de Canguçu atual de certa forma foram os propostos por D. José Caetano ao Príncipe Regente D. João. Este prelado foi intimamente ligado ao processo da Independência. Ele assistiu a toda a ação de D. João, coroou D Pedro I e o assistiu até sua abdicação, falecendo depois, na Regência.

Foi ele que presidiu na Capela Imperial, em 10 nov. 1822, dia da Apresentação de Nossa Senhora, a tocante e histórica cerimônia cívica religiosa, na qual o Imperador D.

Pedro I entregou ao Tenente Luiz Alves de Lima e Silva (o futuro Duque de Caxias, hoje nome de rua de Canguçu), o primeiro exemplar da Bandeira do Brasil independente, recém-criada e envolta no incenso que o bispo D José Caetano lançava de seu turíbulo. Em seus registros sobre a recém-criada Freguesia de Canguçu constou; **"A freguesia produzia anualmente 1000 a 2000 alqueires de trigo o que a fazia uma das mais notáveis de Capitania neste particular"**. Supunha que o vigário padre Tourem fosse um grande plantador do produto.

Calculou a população de Canguçu em torno de 3.000, a qual era servida por 5 padres, sendo o vigário Tourem coadjuvado pelo padre Duarte Cruz Pinto e mais os padres Gervásio Pereira Carneiro, num oratório para os lados de Piratini, Joaquim Tavares num oratório para os lados de Pelotas e o padre Januário para os lados de Camaquã. Sobre a igreja no seu 15º ano de criada observou:

"É uma barraca de telha, pobre mas caiadinha, com seus ornamentinhos e duas sinetas inteirinhas. Achei a pia batismal indigna e mandei fazer outra logo. Vi o cemitério em torno da igreja; achei-o mais indigno e reclamei do vigário Tourem. Ao visitar os pobres e doentes achei Canguçu localidade menor que Caçapava, pois os seus moradores ricos moram em suas fazendas de gado e trigo".

Chegou as 11 horas de 25 de Novembro - sábado, e hospedou-se **"na casa da mãe do Fidêncio"**, no outro dia Domingo, **"na casa do Alferes Braz e D. Ricarda"** e segunda **"jantou na casa de Felisberto"**.

Dia 26, Domingo. **Confessou algumas senhoras, rezou missa, ministrou comunhão geral e bênção papal**.

Fez um sermão tendo por tema o Juízo Final. Realizou crismas e um casamento em casa particular. **Recusou abrir mão da idade mínima para um casamento de uma menina**. No dia 27, em razão de forte chuva, não pôde viajar. Ouviu missa, pregou sermão e celebrou 7 casamentos **"dos quais 5 de pessoas que viviam emancebadas incluindo" o Campos natural de Goyáz**". Registrou que muitos homens e mulheres viajaram dúzias de léguas para que se confessassem e casassem. Encerra seu registro que sintetizei com a seguinte frase:

"Os campos aqui na Primavera recendem todos com o aroma das guabirobas, uma espécie de pitanga rasteira bastante semelhante à murta européia".

A visita à Pelotas é descrita pelo padre Rubem Neis que nos cedeu os apontamentos relativos a Canguçu.

Fernando Luiz Osório em seu livro **A Cidade de Pelotas** transcreve uma conta corrente onde aparecem os fornecimentos de trigo em 1817, 1818 e 1819 a comerciantes de Pelotas, do canguçuense Antônio de Souza Mattos, nosso trisavô, que casou com Ana Rodrigues de Sene, descendente dos Lemes.

No ano seguinte chegou em Rio Grande a **Divisão de Voluntários Reais de Portugal**, ao comando do General Carlos Frederico Lecor, com efetivo de 3.832 homens que termina por invadir o atual Uruguai e o incorporar ao Reino de Portugal como Província Cisplatina do Reino do Brasil Portugal e Algarves. Segundo o professor Adail Bento Costa, veio com ela na condição de Alferes o jovem Antônio Joaquim Bento pai de Antônio Joaquim Bento, nosso bisavô e 1º professor régio para meninos do criado município de Canguçu, hoje nome do Teatro Municipal.

Canguçu - RS, primitivos moradores, primeiros batismos -1800-1813

A genealogista Ilka Guittes Neves, sócia efetiva da ACANDHIS e professora dos Irmãos Andradas no início da década de 40, em seu livro; **Canguçu - RS, primitivos moradores, primeiros batismos.1800-1813**. Pelotas; Ed. Universitária - UFPEL, 1998,

obra que a seu convite tivemos a honra e o prazer de apresentar, ela registrou os nomes dos primeiros moradores de Canguçu e seus filhos nascidos de 1800-1813, dados em sua maioria anteriores à elevação de Canguçu a Freguesia.

Ela registrou, de 3 de fevereiro de 1800 a 24 de setembro 1813, os 833 forasteiros provenientes de diversos destinos no Brasil, em Portugal, Argentina, Uruguai e Paraguai. E de igual forma seus filhos nascidos em Canguçu, dos quais 702 foram meninos e 624 meninas. Destas 1148 eram brancas, 83 afro descendentes, 97 índias e 48 expostos (abandonados) seguindo costumes da época, por enjeitados sem maternidade e paternidade definidas, ou deixados em rodas de instituições para serem criados.

Os índios eram migrantes de Aldeia dos Anjos em Gravataí, atual. Das crianças batizadas em 1813, ano seguinte a criação da Freguesia, nasceram 61 crianças, sendo 24 meninos e 37 meninas.

Das crianças nascidas de 1800 a 1813, 537 eram meninos e 474 meninas. E os nomes dos pais e filhos são encontrados neste valioso trabalho, bem como os mais diversos locais de origem dos primitivos habitantes. Vale, a pena este tesouro genealógico ser consultado pelos canguçuenses de 200 anos, interessados em suas raízes. Os pais dos canguçuenses nascidos entre a fundação de Canguçu e a Freguesia tinham as seguintes origens:

- Do Rio Grande do Sul de então	59
- De São Paulo	149
- De Santa Catarina	24
- Do Rio de Janeiro	16
- De Minas Gerais	09
- Da Bahia	03
- De Pernambuco	02

Os 59 nascidos no Rio Grande do Sul, 175 eram de Rio Grande, 95 de Estreito, 76 de Rio Pardo, 69 de Triunfo, 44 de Mostardas, 39 de Viamão, 27 de Gravataí, 18 de Santo Antonio da Patrulha, 11 de Porto Alegre, 09 de Vacaria, 05 das Missões, 05 de Taquari, 01 de Conceição da Serra 01 de Jaguarão, e 01 de Encruzilhada.

Os paulistas (o Paraná pertencia a São Paulo) 38 de Curitiba, 17 de São Paulo, 11 de Itapetininga, 13 de Castro, 13 da Lapa, 12 de Sorocaba, 11 de Lages, 11 de Taubaté, 03 de Faxina (?), 03 de Itu, 02 de Mogi Guaçu, 02 de Santa Ana da Paraíba, 01 de Atibaia, 01 de Caraguatatuba, 01 de Guaratinguetá, 01 de Iguapé, 01 de Itanhaen, 01 de Jundiaí. 01 de Mogi das Cruzes, 01 de São Carlos e 01 de São Roque. Dos 24 catarinenses, 21 eram da Ilha de Santa Catarina e 03 de Laguna.

Dos 16 fluminenses, 09 eram da cidade do Rio de Janeiro, 02 de São Marcos, 02 de São José, 02 de Santa Rita e 01 de Pirai. Dos mineiros, 02 eram de Minas, 02 de Vila Rica (Ouro Preto), 02 de Arraial dos Prados e 01 de Pouso Alto.

Originários de outros países: Portugueses do continente e das ilhas, 35 são das seguintes localidades; 12 de Braga, 08 do Porto, 04 de Lisboa, 02 de Aveiro, 02 de Évora, 02 de Lamego, 02 de Leiria, 01 de Bragança, 01 de Coimbra e 01 de Vizeu. Das Ilhas de Portugal 06, sendo 05 das ilhas sem outros dados e 01 da ilha da Madeira e dos Açores 63 sendo 50 da ilha do Faial, 05 da Ilha Terceira, 04 da Ilha de São Miguel, 02 da Ilha do Pico, 02 da Ilha São Jorge.

Provenientes de outros países: 15 da Espanha, 08 do Uruguai, 03 da Argentina e 03 do Paraguai. Origens dos espanhóis, 07 da Espanha sem identificar o local, 04 da Galiza, 01 de Calahorra, 01 de Córdoba, 01 de Correntes.

Origem dos uruguaios (orientais); 07 de Maldonado e de Colônia do Sacramento. Origem dos argentinos, todos os três de Buenos Aires. Origem dos Paraguaio, 02 sem

especificação e 01 de Vila Rica do Paraguai. Estes dados mostram as origens diversas dos povoadores de Canguçu. E seus nomes constam do precioso trabalho de Ilka Neves.

Pesquisando o livro de Ilka Neves na Apresentação dele conclui as origens das seguintes famílias povoadoras de Canguçu entre 1800/1813.

Do Rio de Janeiro temos os Picanço e os Coutinho da Rocha, de São Marcos, antiga Vila Príncipe, hoje submersa. De Minas temos os Claro da Cunha, de São João Del Rei os Rodrigues Cardoso. Da Bahia os Favila que deram nome à região Favila.

Os Gomes e os Dias, famílias tradicionais de estancieiros procedem de Maldonado no Uruguai. Do arquipélago dos Açores vieram os Ávila, os Baladão, os Duarte, os Farias, os Goularte, os Mattos, os Nunes, os Oliveira, os Santos. De Santa Catarina, os Saraiva do Amaral, dos quais descende Gumersindo Saraiva, com origem nos Açores, após transitarem por Mostardas e permanecerem por uma geração em Canguçu, em cuja toponímia deixaram seus sobrenomes.

Os Vaz de Bragança de Portugal; os Borbas, de Triunfo, com origem açoriana; os Cunha de Portugal e os Soares de de Rio Pardo.

A acadêmica da ACANDHIS, Alda Maria Moraes Jaccottet, prosseguiu a pesquisa dos batismos em Canguçu de 1813- 1819 em **Cadernos de Genealogia Obstnadas Famílias do Canguçu-RS**. (Livro nº 1 B de Batismos (1813-1819). Canguçu tem contado com a contribuição de outros genealogistas. De minha parte escrevi a obra **Dos Lemes da ilha da Madeira aos Mattos, Moreiras e Bentos de Canguçu**. Itatiaia, ACANDHIS, 2006.

Obra que contamos com o concurso dos genealogistas Carlos Grandmassom, Ilka Neves, Heloísa Assunção Nascimento, Cairo Moreira Pinheiro, com suas pesquisas sobre os Mattos e os Moreiras e mais com Luiz Carlos Barbosa Lessa e Moacir Mattos com suas pesquisas na ADALEME (Associação dos Descendentes e afins dos Lemes), a partir do casamento de Anna Rodrigues de Sene, descendente dos Lemes da ilha da Madeira.

Contribuí para a Genealogia Canguçuense Adolfo Fetter Júnior com seu livro **Os Vetter/Fetter - 170 anos no Rio Grande do Sul e Brasil**. Pelotas: Ed. do autor. Nesta obra esclarecemos as p.485/490, a atuação do Capitão Jacob Fetter, raiz dos Fetter de Pelotas, na Revolução Farroupilha, como sargento da força do Ten Cel Francisco Pedro de Abreu, o Moringue que usou Canguçu como base de operações a partir de Agosto de 1843 para pacificar a revolução nas Serras do Sudeste. Contribuíram para a Genealogia canguçuense Marlene Barbosa Coelho, inclusive com o levantamento de óbitos ocorridos e registrados na Igreja Matriz e constantes de trabalho de minha autoria denominado **índice dos índices de documentos históricos**. v.1 e v.2 com exemplares diversos inclusive, o v.1 encadernado que integrara o Arquivo da Academia Canguçuense de Historia, junto com os arquivos Conrado Ernâni Bento e Cel Cláudio Moreira Bento. Este constantes de cerca de 15 caixas, contendo documentos que eu reuni ou produzi desde 1970 quando comecei a escrever sobre História.

Ajudam a Genealogia Canguçuense as obras dos seguintes historiadores de Piratini e Cerrito.

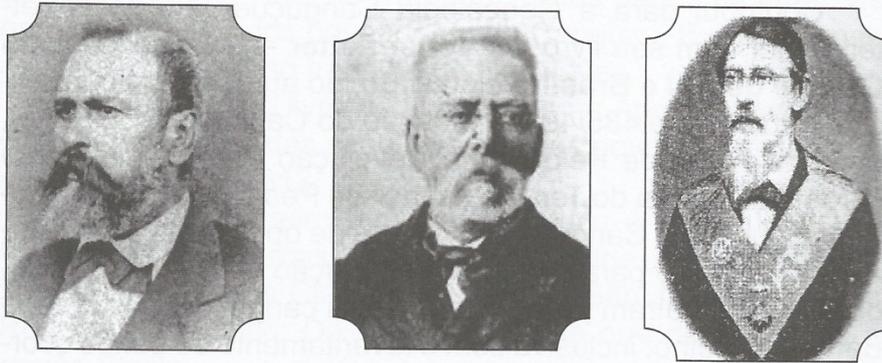
D'ÁVILA. Jayme Lucas. **Povoadores de Piratini - casais de El Rei, militares, tropeiros, aventureiros e outros**. Porto Alegre: Suliani letras&vida.2007.

BENTO, Diac. Genes Leão. **Raizes de nossa História**. Cerrito: Stilus Artes Gráficas Pelotas, 2005. E mais as seguintes obras recentes por nós prefaciadas:

RIGO, Cecília (Org.) **Conhecendo Canguçu um novo olhar**. Canguçu; CFENSA, 2007. (Obra sobre a História Contemporânea de Canguçu a partir de 1983 realizada por onze professoras respondendo a desafio do autor,

NASCIMENTO, Eloah Moreira Morales do. **Era uma vez em Canguçu... quando as crianças faziam arte**. Pelotas:.RL, 2007.

O Cinquentenário da Freguesia de Canguçu em 1862



Da Esquerda para direita Theóphilo de Souza Mattos, Professor Antonio Joaquim Bento e João Batista Pereira Galvão respectivamente Provedor, Vice-Provedor e Tesoureiro da Irmandade Conjunta do Santíssimo Sacramento e de Nossa Senhora da Conceição.

Neste ano assumiu a Irmandade Conjunta do Santíssimo Sacramento e de N. Sra. da Conceição da Igreja Matriz de Canguçu a seguinte Diretoria; Provedor, Theóphilo de Souza Mattos, Vice-Provedor Professor Antonio Joaquim Bento. Tesoureiro Florício Barcelos. Secretário João Batista Pereira Galvão.

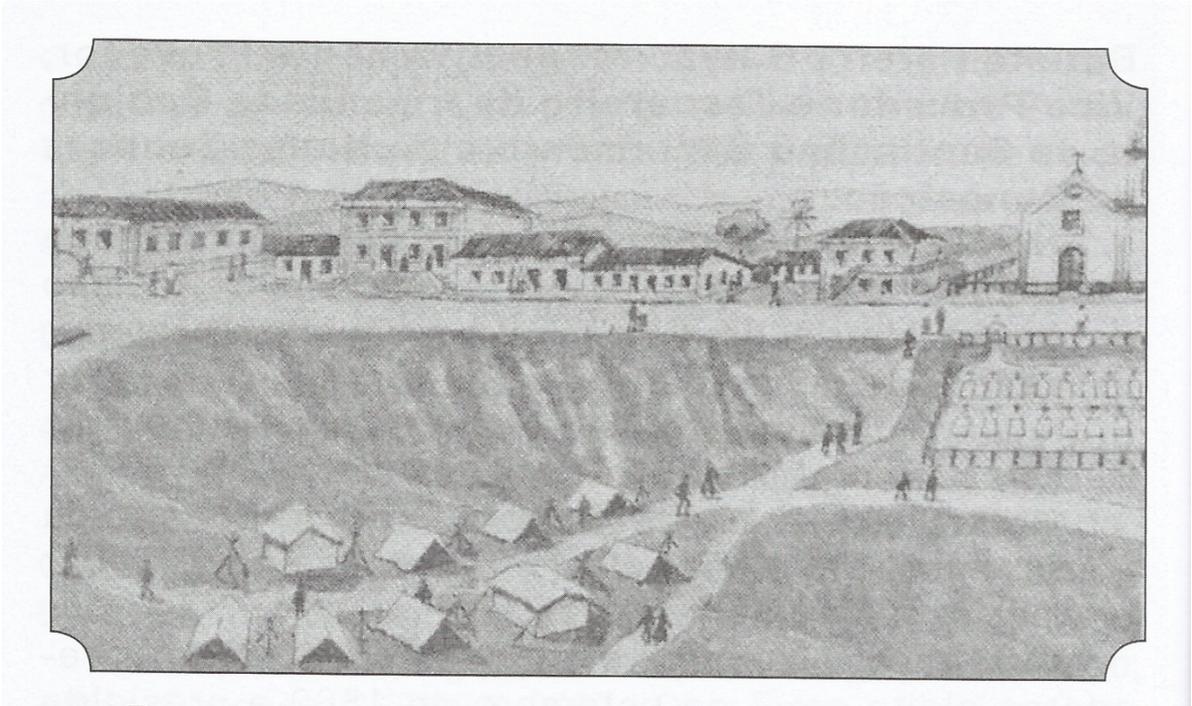
No ano anterior foi erguido o sobrado ao lado da igreja, substituído por outro, cujo acesso ao 2º andar era por escada externa.

Governava Canguçu a segunda Câmara de Vereadores eleita em 7 de setembro de 1860 e presidida por Antonio Pompeu Burlamaque e constituída dos seguintes Vereadores: Manoel Antônio Duarte, José Joaquim Bezerra, Francisco José dos Santos, Mauricio Rodrigues da Silva, Clarimundo Hipólito da Silva e José Pimenta da Silva. No ano seguinte nascia em Canguçu Genes Gentil Bento, em casa que existiu ao fundo a esquerda do sobrado que fora construído em 1861 ao lado da igreja. Ainda em 1863, em 2 de abril de 1863, a citada Irmandade dirigiu requerimento a Câmara de Deputados do Império, numa tentativa de reaver os terrenos doados a N. Sra. da Conceição, a padroeira de Canguçu, como também de Portugal e seus domínios, além de rainha de Portugal desde 1644, por ato do Rei D. João IV.

O requerimento foi indeferido pela Câmara de Deputados com base nas Leis de Amortizações.

Esta questão, deixamos esclarecida as p. 38 -39 de nosso livro; os **200 anos da igreja N. Sra. da Conceição de Canguçu** e com apoio na documentação que encontrei no Arquivo Nacional que fora enviada pela Irmandade Conjunta.

Era pároco de Canguçu no cinquentenário da Freguesia, o padre Manoel Joaquim Tostes.



Rua da igreja Matriz cerca de 1845 ao final da Revolução Farroupilha. Da esquerda para a direita: Casa onde nasci em 19/10/1931 e atual Cartório Bento, casa, hoje um restaurante e sobrado onde residiu Zeca Albano de Souza e local hoje de um restaurante. Casa onde funcionou a Câmara de Vereadores de 1857/1901 e depois o Clube Harmonia, o Colégio Elementar criado pelo intendente Genes Gentil Bento em 1913 e no final da década de 20 e início da década de 30 do século 20, o cinema mudo de Rafael Crecco, também fotógrafo e, mais tarde oficina mecânica de Emilio Klug que transformaria este histórico prédio na casas de número 985 e 987. Duas antigas casas geminadas. Na da esquerda residiu Marlene Barbosa Coelho e nela nasceria, em 13 de julho de 1886, durante a Guerra do Paraguai o Arcebispo de Campos- RJ D. Otaviano de Albulquerque. No espaço entre estas casas e o sobrado no fundo residiu o professor Antônio Joaquim Bento e local onde nasceu em 1863 o Cel Genes Gentil Bento. O sobrado foi demolido e reconstruído em 1861. A igreja só com uma torre e em avançado estado de conservação foi reconstruída pela Ala Direita do Exército Pacificador do Barão de Caxias e por sua ordem , ao Comando do Ten Cel GN Francisco Pedro de Abreu. As barracas representam a Companhia de Infantaria, ao comando do Capitão Antônio de Sampaio, atual Patrono da Infantaria do Exército, destacada do 8º Batalhão de Fuzileiros de Pernambuco para a missão de 1845 a 1949, consolidar a paz nas Serras do Sudeste. (Fonte: Esboço feito pelo autor com apoio nas descrições de moradores antigos de Canguçu).

Canguçu no Centenário e como Freguesia em 1912

Em 31 de janeiro de 1912, centenário de Canguçu Freguesia, foi publicada a **Revista do 1º Centenário de Pelotas nº 4**, com parte dedicada ao Centenário de Canguçu como Freguesia. Revista dirigida pelo hoje consagrado como **“o maior escritor regionalista de Rio Grande do Sul,”** João Simões Lopes Neto, hoje patrono de cadeira na Academia Canguçuense de História que foi inaugurada pelo canguçuense Major Ângelo Pires Moreira, um de seus biógrafos.

J. Simões Lopes a produziu como membro da Academia de Letras do Rio Grande do Sul. Revista publicada pela Biblioteca Pública de Pelotas. A mesma revista publicou reportagens sobre Piratini e São Lourenço do Sul.

As projetadas comemorações do Centenário de Canguçu: Missa Campal, celebrada pelo Bispo de Pelotas. Sessão solene presidida pelo Intendente Cel. Genes Gentil Bento, Festa de Crianças, colocação de placa alusiva na praça Marechal Floriano Peixoto, festas populares etc, foram em parte, prejudicadas, segundo João Simões Lopes Neto, em razão de na tarde de 5 de janeiro de 1912, **“haver desabado sobre a Vila violentíssimo temporal, que causou inúmeros males, destruindo habitações, muros, arvoredos, o que em conjunto apresentava desolador aspecto.”**

Desta Revista hoje raríssima, possuo exemplar preservado por meu pai, Conrado Ernâni Bento, durante 45 anos a qual ele me doou em 1956, quando iniciei a pesquisar a História de Canguçu. Pesquisa traduzida entre outros trabalhos nos seguintes livros de minha autoria:

- **Canguçu - reencontro com a História**, que publicamos sesquicentenário de Canguçu - município em 2007. 2ª edição.

- **Canguçu 200 anos**, publicado em 2000 nos 200 anos da fundação de Canguçu;

- **Os 200 anos da Igreja Matriz N. S. da Conceição de Canguçu**, publicado nos 200 anos da fundação de Canguçu.

- **Canguçu Velho - Canguçu - RS, a sede da Real Feitoria do Linho Cânhamo do Rincão de Canguçu 1783-1789**, publicado em 2009.

- **Álbum da Saudade**. Exemplar único que anotei e organizei, em 1972, no sesquicentenário da Independência, com fotos reunidas por meu pai Conrado Ernâni Bento e por longo tempo à disposição dos consulentes no CFENSA. Contendo inclusive as fotos do Álbum de Rafael Crecco do Centenário de Canguçu Freguesia em 1912, de exemplar pertencente a meu pai.

- **Canguçu** em Artigos no site www.ahimtb.org.br.

No trabalho sobre a Real Feitoria, corrigimos erro histórico centenário, constante da citada revista considerar Canguçu Velho a primeira redução jesuítica no Rio Grande do Sul, por ter confundido a fonte em que se baseou Simões Lopes Neto, os rios Piratini e Icamaguã, afluentes do rio Uruguai, com os rios Camaquã e Piratini de nossa região. Pois foi entre os citados rios afluentes do rio Uruguai que foi fundada São Nicolau a primeira redução jesuítica no Rio Grande do Sul.

Esta revista aborda-**O município de Canguçu –Bosquejo Histórico**.Consta de 14 páginas numeradas de 51 a 64.

A Revista faz um improvisado resgate histórico de Canguçu até 1889. Ela destaca os **“seguintes varões prestantes”** da comunidade: que faço notas entre parênteses do que obtive de dados: João Machado da Cunha, Ismael Soares da Porciúncula,(de ilustre família de estancieiros na AZONASUL) ,José Batista Prestes, Gaspar Gomes Dias, Belchior Jacinto Dias, Baltazar Dias Jacinto Dias, (Eram estancieiros abastados em Canguçu e no Uruguai e receberam os nome dos reis magos). Theophilo de Souza

Mattos, (era Tenente Coronel Honorário do Exército e comandou o Corpo de Cavalaria da Guarda Nacional de Canguçu na conquista do Forte Curuzu), Manoel Antonio Duarte, (descendentes de açorianos da ilha do Faial), Horácio da Cruz Piegas (membro de família de estancieiros em Canguçu e além), Florentino de Souza Leite, (Era amigo e parente de Bento Gonçalves e a quem ele dirigiu a sua ultima carta antes de atacar Porto Alegre em 20/set/ 1820, e era a maior autoridade farrapa em Canguçu). Pedro Rodrigues de Quevedo (de família originária de Itapetinga São Paulo), Domingos Alves Lisboa, Felix Alves Lisboa, Joaquim da Silva Mota, José Antônio Lessa (era o avô paterno de Barbosa Lessa e personagem de um conto de J. Simões Lopes) e Hipólito Pinto Ribeiro (veterano da Guerra do Paraguai e general honorário do Exército. Nasceu em velha casa que existiu no local da atual Igreja Episcopal. O biografiei em **Canguçu reencontro com a História**. Foi nome de toda a rua que a partir da Osório para W atualmente tem o nome de Exército Nacional, juntamente com Brigadeiro Antônio de Sampaio). Recordava estes nomes de canguçuenses do passado, para os que hoje (em 2012) desfrutam os benefícios de suas ações.

Simões Lopes agradeceu os dados que colheu para sua histórica reportagem, **"o concurso da bondosa paciência dos estimáveis anciões senhores Quirino Picanço, (de família originária de Santa Rita, Rio de Janeiro) Graciliano de Carvalho, Manoel Medina (de família espanhola) e outros contemporâneos e figurantes de muitos dos acontecimentos e do lúcido espírito dos tenentes coronéis; João Paulo Prestes, (patrono de cadeira na ACANDHIS) Martiniano Lafuente, Carlos Norberto Moreira (patrono de cadeira na ACANDHIS) e da tenaz e vigilante perquirição do intendente Cel Genes Gentil Bento,(patrono de cadeira na ACANDHIS) do Dr. Cesar Dias, (juiz de Direito) padre José Bem F. Eifel, do Dr. Érico Ribeiro da Luz, Theophilo Moreira,(advogado filho de Franklin Máximo Moreira patrono de cadeira na ACANDHIS e fundador do Clube Harmonia), João Miguel de Moraes e tantos outros dedicados auxiliares, pedimos coletar e registrar o que fica por estas despreteniosas páginas."**

Simões Lages Neto, publicou a foto do Cel. Genes Gen til Bento, e síntese de sua biografia. E mais as fotos de João Pereira Galvão que registrava a História de Canguçu e **"que um filho seu inconsideradamente dispersou o precioso arquivo,"** e mais as fotos de Manoel Jesus Vasques, de Marcelino Correa de Paiva,(estancieiro tronco da família Correia de Paiva), a de Gaspar Dias e a do General Honorário do Exército Hipólito Pinto Ribeiro.

Registra os seguintes comércios em Canguçu em 1912: na rua General Osório; Hotel Progresso de Jonatas Alves da Silva, a Casa Cubana, de Joaquim A. Barbosa, (Tita Barbosa (avô materno de Barbosa Lessa), Casa Vidal, de Vidal Soares dos Santos, Casa Santa Cruz, de Antônio Jorge, Pharmacia Albano, de Valente e Cia, (de Ingrácio Valente), Casa Hortên-cio Lopes, Hotel Canguçuense, de Felix Soares dos Santos, Loja de Fazendas de Casemiro Vieira da Rosa, Baratilho Vista Alegre, de José Francisco Jorge, a Bota de Ouro, de Mathias Wanner e o Empório de Secos e Molhados de Clementino Custódio da Fonseca (pai de João Fonseca).

E na Rua Silveira Martins esquina Silva Tavares, Walter Moreira (filho de Carlos Norberto Moreira) e Cia e a Casa Vermelha da Viúva Conceição Marchand Pereira. E mais, o Dr. Jaime de Farias, médico, o Dr. Gabriel Bello - dentista, na Rua General Osório, Theophilo Moreira, advogado e o Salão Figaro de Lourival Guerra.

Simões Lopes registrou que seria usual em Canguçu, a chamada roupa campeira, feita de couro bovino para a lida com gado na zona da mata, e semelhante a dos vaqueiros no Norte do país".

A comemoração do Centenário de Canguçu, como Freguesia, foi realizada no dia 31 de janeiro de 1912, solene **Te Deum** e uma procissão de 6 andores, tomando parte deste

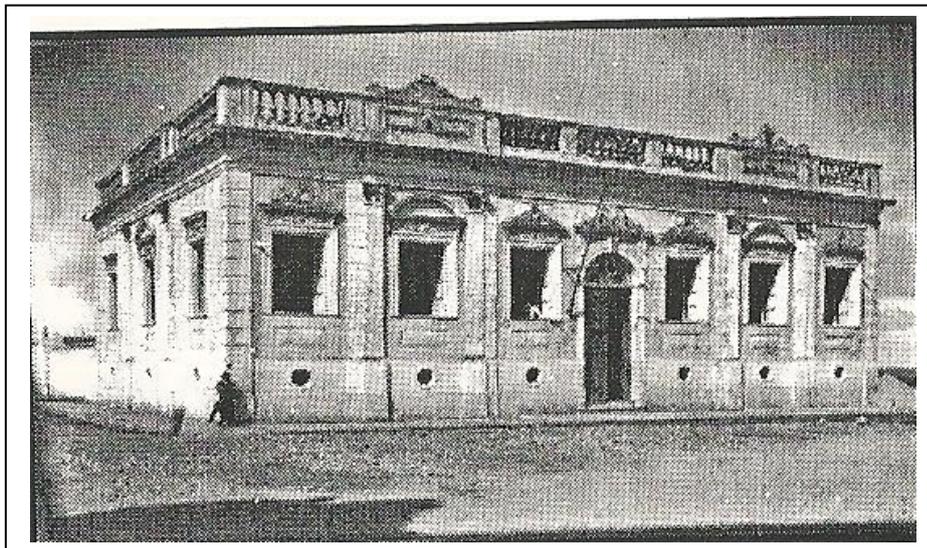
festejo o terceiro bispo a visitar Canguçu, o 1º bispo de Pelotas D. Francisco de Campos Barreto.

Foi lavrada Ata alusiva assinada pelo bispo D. Francisco Campos Barreto, pelo Cel. Genes Gentil Bento, intendente, o Dr. César Dias, Juiz de Direito, Ângelo Marques, Delegado de Polícia, Ciro Moreira, Secretário Municipal, Hermes Laranja Bento, Escrivão de Órfãos e Ausentes (irmão de intendente),

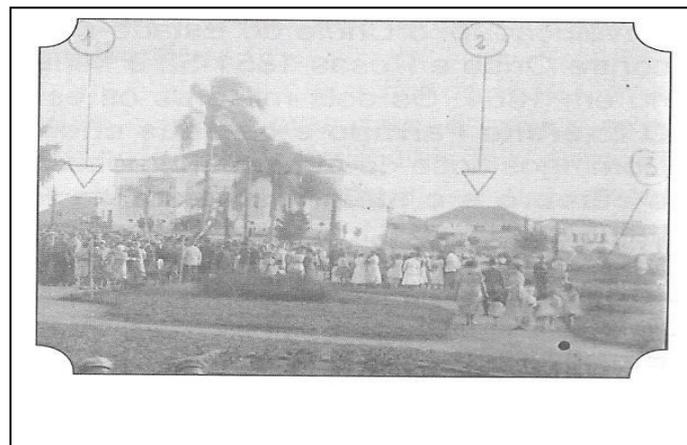
Alvim Nunes, (que foi proprietário do local onde foi instalado o Colégio N. Sra. Aparecida em 1933, fruto do esforço conjunto do Bispo de Pelotas D. Joaquim Ferreira de Melo e do prefeito Conrado Ernâni Bento) e João Gualberto Pinto Bandeira professor municipal, que dirigiria no ano seguinte o Colégio Elementar criado pelo intendente Cel Genes Gentil Bento.

Comemorativa ao centenário da Freguesia foi construída pela Intendência a centenária 2ª Torre da Igreja e construída a Capela do Cerrito, em invocação a N. Sra. do Rosário e criada a Pia União Filhoa de Maria.

Era coletor Silvino Freitas, avô do Prefeito Cássio Freitas Mota do bicentenário de Canguçu, tendo como seu ajudante José Albano de Souza, médico prático e nome da Rua do Hospital.



A lintendência em 1912. Prédio construído por volta de 1877 pela família Piegas e adquirido em 1901 pelo intendente Cel Hipólito Gonçalves para servir de sede da Intendência. Abaixo em 1933, a cadeia construída pelo chefe farrapo Ten Cel GN Francisco Pedro de Abreu que ocupou Canguçu ao final da Revolução Farroupilha. No local ela foi substituída por outra que demolida deu lugar ao teatro Professor Antônio Joaquim Bento. (Foto da Intendência de Rafael Crecco e a da cadeia em 1933, no dia da inauguração da Luz Elétrica e ambas do Arquivo Conrado Ernâni Bento).



Destacou como edifícios públicos a Intendência e a Cadeia. Esta construída durante a Revolução dos Farrapos, pelo Tenente Coronel da Guarda Nacional, Francisco Pedro de Abreu, o Moringue que ocupou Canguçu de agosto de 1843 a março de 1845, como comandante da Ala Esquerda do Exército Pacificador ao Comando do então Barão de Caxias, quando, por ordem deste restaurou a igreja local a beira da ruína e em invocação a N. Sra. da Conceição a padroeira do Exército Imperial do Brasil e sua devoção, tendo falecido aos pés da gravura da santa, hoje recolhida ao Museu da Academia Militar das Agulhas Negras em Resende-RJ. Nela estiveram presos (o Cel João Pedro Soares, veterano das lutas contra Napoleão em Portugal e que dispôs as forças no Combate do Seival e que neste combate organizou e comandou os Lanceiros Negros) Domingos José de Almeida, mineiro de Diamantina e Ministro da Fazenda da República Riograndense e o Cel José Mariano de Matos, carioca, major do Exército e Coronel farrapo que foi Ministro da Guerra e da Marinha farrapo, vice-presidente da República Riograndense, autor da sua bandeira, desde 1891 adotada pelo Rio Grande do Sul). E pacificada a Revolução foi o Chefe do Estado-Maior de Caxias na Guerra contra Oribe e Rosas 1851-52 e Ministro da Guerra do Império em 1864. Os dois militares os estudamos em nosso livro **O Exército Farrapo e os seus chefes**. BIBLIEX, 2v 1989, e Domingos José de Almeida no nosso livro, **O mineiro que foi o cérebro e o maior estadista da Revolução Farroupilha**. Itajubá:EFEI, 1981.

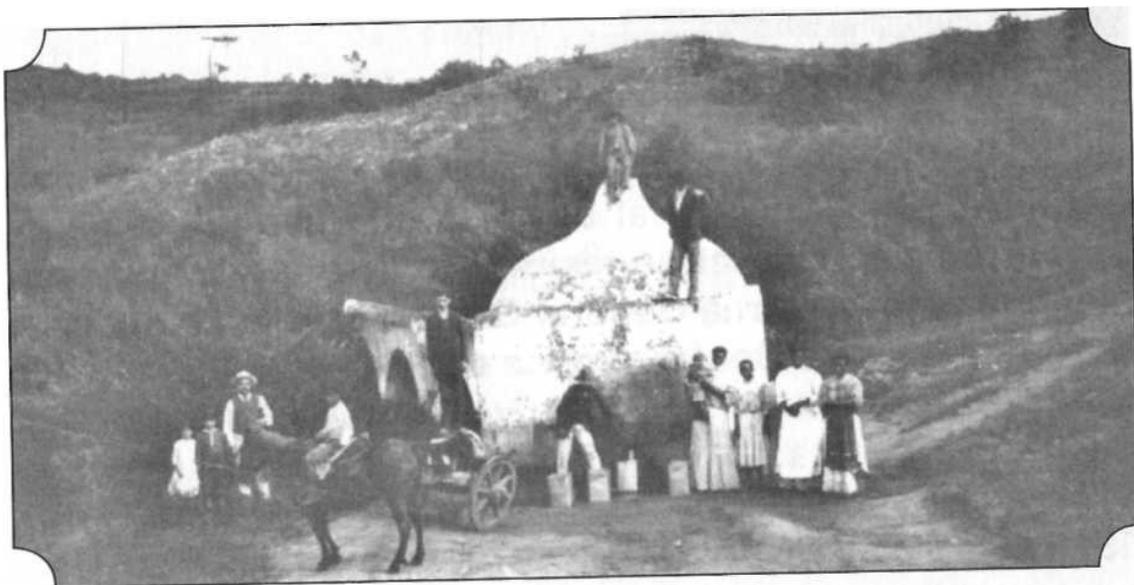
A vila de Canguçu foi o local que de 1845 - 49 serviu de base de Companhia de Infantaria ao Comando do Capitão Antônio de Sampaio, hoje patrono de Arma de Infantaria do Exército.

A Igreja era administrada pela Irmandade Conjunta do Santíssimo Sacramento de N. Sra. da Conceição e era seu pároco, o Reverendo José de Bem, 1908 - 1913.

A iluminação pública era desde 1898, até dez 1933, por 35 anos com lampiões a querosene.

O abastecimento de água era feito por três cacimbas. A do Ferro no final da rua Cel. Genes Gentil Bento. Tendo no extremo leste da citada rua, cacimba conhecida no meu tempo como Bica.

A do Ouro era no final W da rua Franklin Máximo Moreira e a da Prata próximo a rua General Câmara, cuja nascente ficava na frente do Hospital.



A cacimba da Prata em 1912, que conheci em minha infância e adolescência como a principal fonte a abastecimento de água em Canguçu (Foto de Rafael Crecco do Arquivo Conrado Ernâni Bento).

Segundo Simões Lopes Neto, as calçadas da Rua General Osório *"eram ladrilhadas, e as sarjetas empedradas e existiam moradias de primeira ordem, quanto a divisões, conforto e arquitetura, capazes de figurar, sem destoar das de nossas cidades mais adiantadas"*.

Era ocupada pela Intendência, a atual Casa da Cultura, adquirida da família Piegas e a do Clube Harmonia, então ocupada pelo intendente Cel. Genes Gentil Bento, também adquirida da família Piegas.

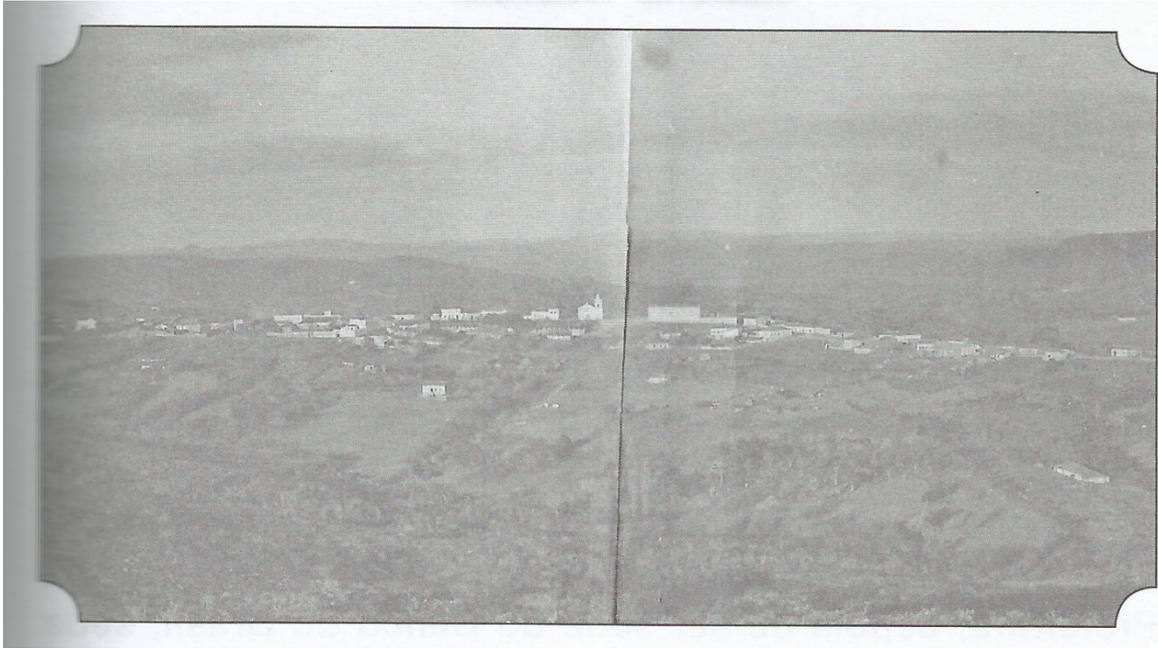


Palacete residência em 1912 do Intendente Cel Genes Gentil Bento e atual local do Clube Harmonia e abaixo,

O Telégrafo existia desde 7 de maio de 1878. Registrou pois este momento da comunidade canguçuense J. Simões Lopes Neto, o fotógrafo Rafael Crecco, em álbum por ele lançado e do qual muito tenho me socorrido em meus trabalhos.

Em 1911 o Intendente Cel Genes Gentil Bento em entrevista com o Presidente do Estado Carlos Barbosa dele conseguiu 6 escolas rurais e mobiliário para o Colégio Elementar que fundaria no ano seguinte e que por evolução e denominações sucessivas originou o Colégio Irmãos Andradas, em prédio construído pelo prefeito Jaime de Farias, prefeito nomeado pelo Estado Novo 1937/45. Ao retornar desta viagem o intendente Genes Gentil Bento veio de Pelotas trazendo o 1º automóvel a Canguçu.

Canguçu em 1912 na visão do fotógrafo Rafael Crecco

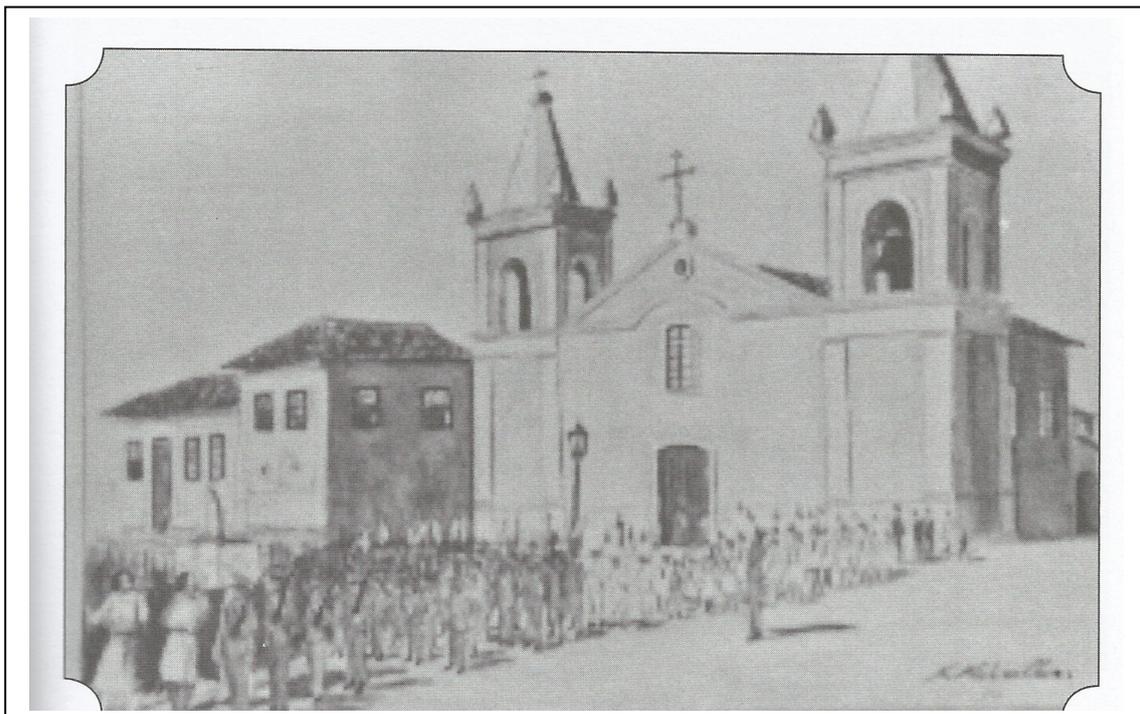


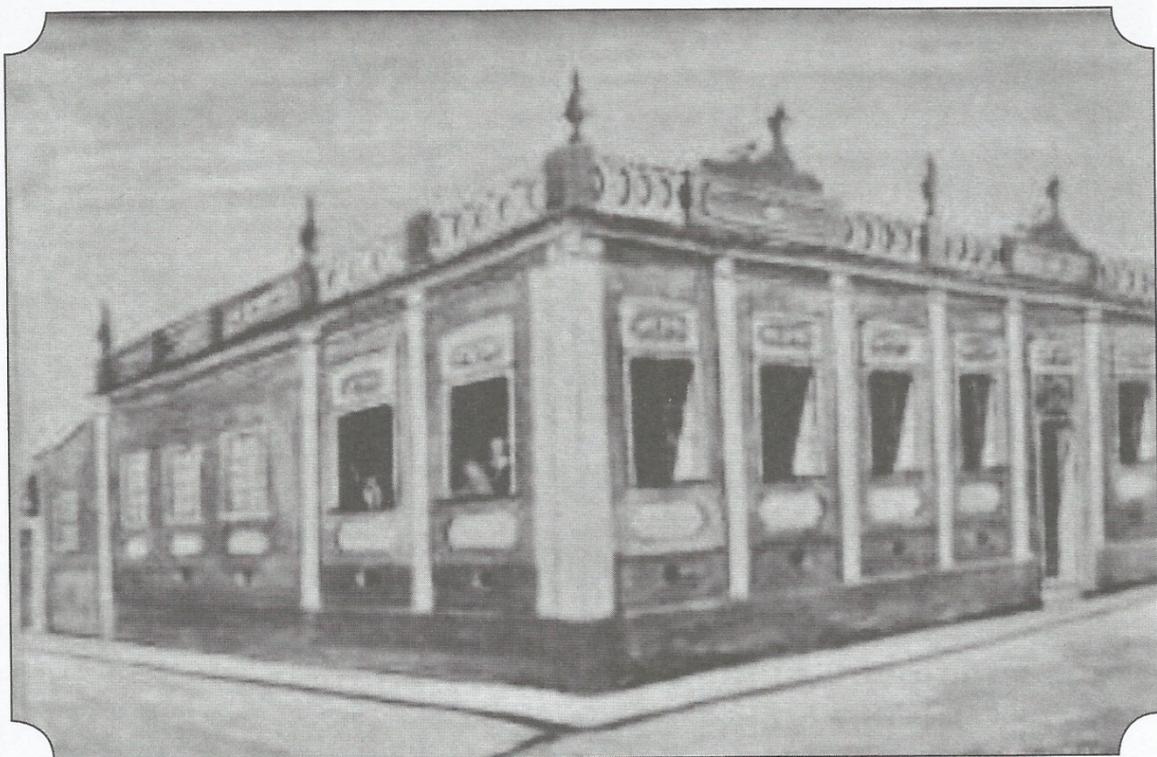
Vista de Canguçu em 1912 do alto onde hoje se encontra o Monumento com a estátua de N.S da Conceição inaugurada, em 8 de dezembro de 2010, na administração do prefeito Cássio Freitas Mota. (Foto de Rafael Crecco do Arquivo Conrado Ernâni Bento).

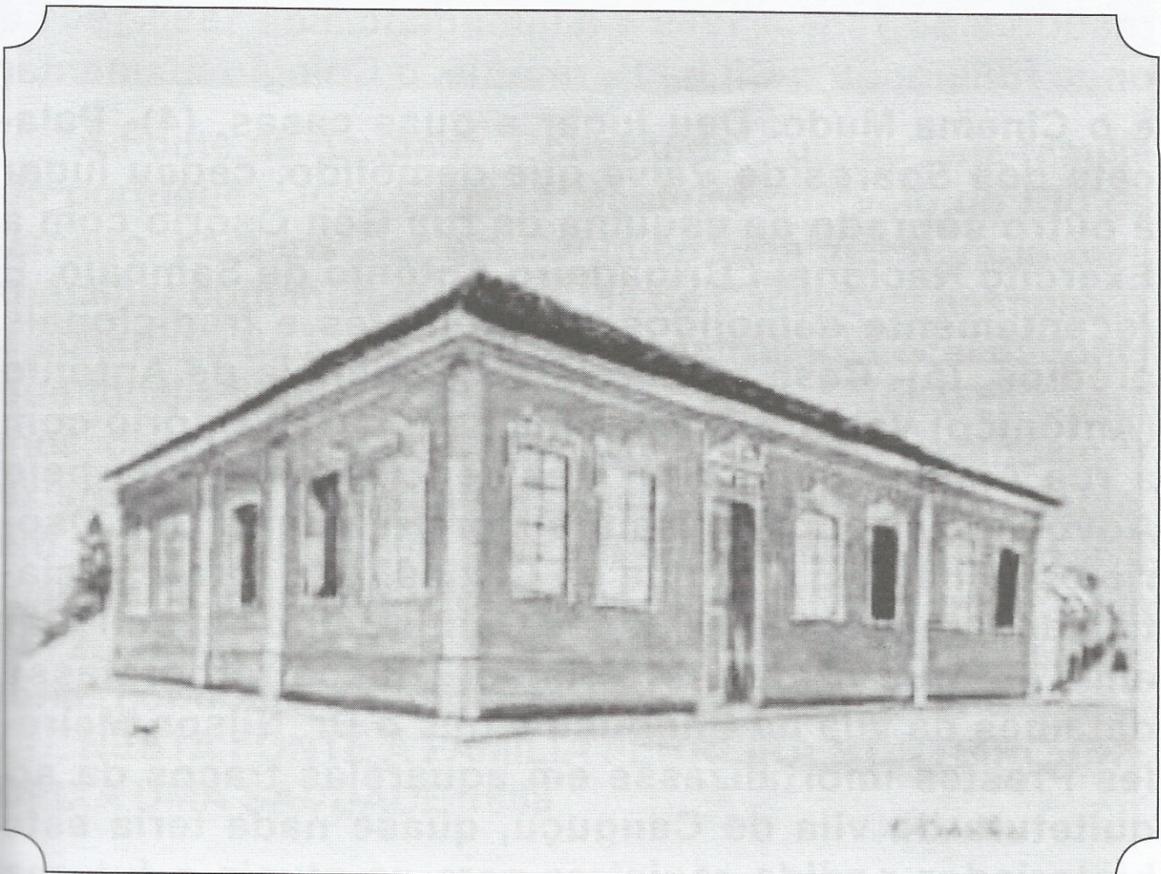
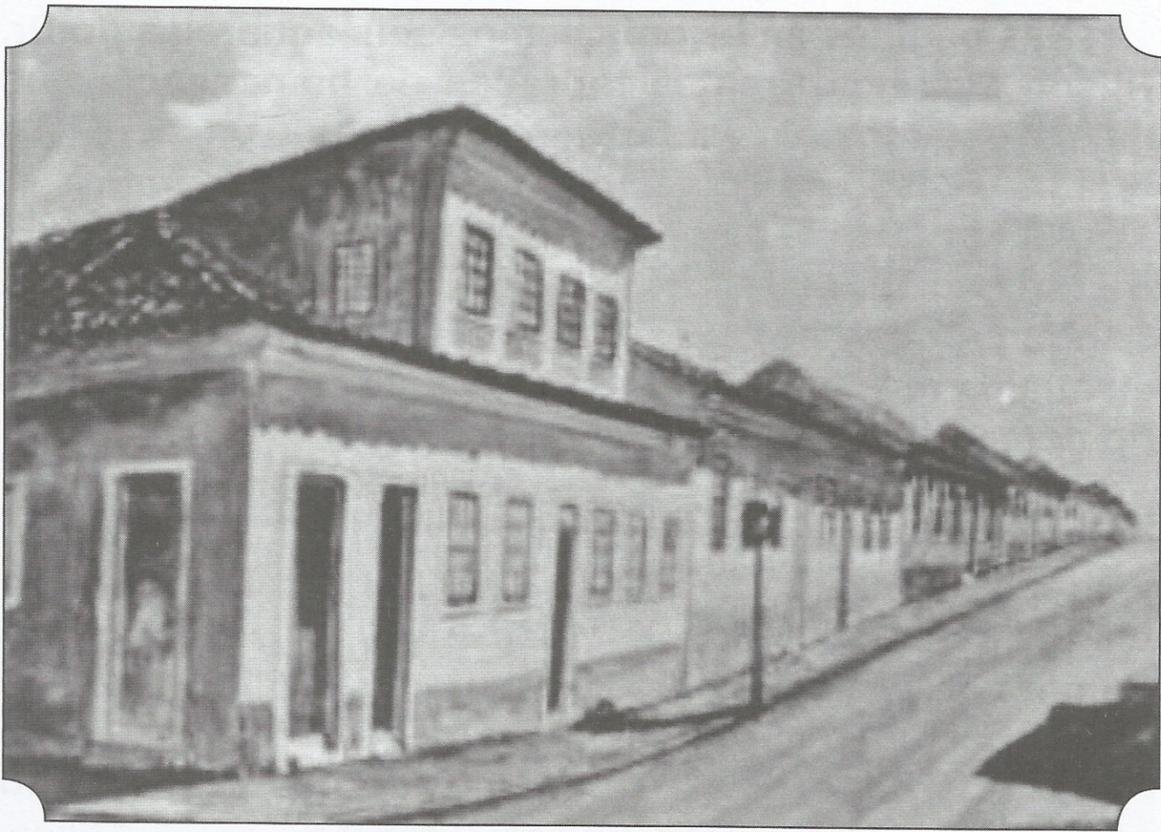


Fotos do Clube Harmonia e da Praça Marechal Floriano

Fotos de outras fontes e datas esclarecedoras de como era Canguçu em 1916







Nas páginas anteriores vemos seis aquarelas do Dr. Nilson Meireles Prestes retiradas de homenagem que lhes prestamos em artigo Canguçu seus palacetes, sobrados e casarões do século XIX, lido no Colégio N. Sra. Aparecida em reunião da Academia Canguçuense de História em 24 de junho de 2004. Artigo em Artigos, em Canguçu, no site www.ahimtb.org.br. Construções que existiam em 1916 no Centenário da Freguesia e a maioria demolida para ceder lugar a outras construções:

(1)- Igreja em 1912 acrescida de mais uma torre e remodelada em seu aspecto atual sob a direção do Professor Adail Bento Costa de 1956/69. (2)- Em primeiro plano sobrado velho incendiado em 1952 e hoje local da Câmara de Vereadores e depois dois sobrados gêmeos sendo que um deles foi demolido e no outro funciona a Rádio Liberdade. (3)- Sobrado onde residiu Zeca Albano que foi demolido e cedeu lugar a sobrado mais moderno. A sua direita local onde funcionou a Câmara de Vereadores de 1857 a 1989 e a Intendência de 1890-1901 e onde funcionou o Clube Harmonia, o Colégio Elementar e o Cinema Mudo. Deu lugar a duas casas. (4)- Palacete dos Soares de Paiva que demolido, cedeu lugar a outro sobrado na esquina da rua Gen Osório com a Exército Nacional / Brigadeiro Antônio de Sampaio. E recentemente demolidos os seguintes e tradicionais prédios. (5)- Casa comercial e residência de Antônio (Antonico) Valente na esquina da rua Gen Osório com a rua André Puente. (6)- Residência construída pelo Advogado Theophilo Mattos Moreira na rua Gen Osório esquina com a Duque de Caxias. Não fora a iniciativa do Intendente Cel Genes Gentil Bento em solicitar em 1916 que o fotógrafo Rafael Crecco fotografasse detalhes da vila de Canguçu e que o Dr. Nilson Meireles Prestes imortalizasse em aquarelas traços da arquitetura da vila de Canguçu, quase nada teria este historiador podido registrar para as atuais e futuras gerações canguçuenses.



A Fonte da Saudade. Construída e usada pela família do português José Ferreira Monteiro que veio do Rio de Janeiro, para instalar em Canguçu uma marmoraria para trabalhar com mármores vindas de Caçapava, destinadas a alfândega de Rio Grande em construção. Local da fonte que localizei em 1972, na esquina da rua

Júlio de Castilhos, com a Duque de Caxias, como parte do terreno onde existe até hoje a casa onde nasceu Conrado Ernâni Bento, em 13 setembro 1888, ano em que a família de seu avô deixou Canguçu e na fonte que aparece onde aponto em 1972. em foto de Jesus Bento Martins, a seguinte dedicatória. Foi o ano da Abolição da Escravatura. "A CANGUÇU. NESTA FONTE A FAMÍLIA FERREIRA MONTEIRO LHE DEIXA UMA SAUDADE 1888."



Casa adquirida por Conrado Ernâni Bento em 1922 e por ele reformada conforme foto abaixo. Onde apareço já oficial do Exército ladeado por Jaques Mota, oficial da Brigada Militar e Fernando Oscar Lopes, oficial do Exército e ambos falecidos. Foi ai que eu nasci em 19 de outubro de 1931, entre as tensões das revoluções de 1930 e 1932 e 7 dias antes da inauguração no Rio de Janeiro do Cristo Redentor, uma das maravilhas do mundo. E fui batizado no dia de Natal de 1932, tendo estudado de 1938/1944 no Colégio N. Sra. Aparecida, e fundado em 13 de setembro de 1988, centenário de meu pai Conrado Ernâni Bento a Academia Canguçuense de História para me ajudar na tarefa de resgatar a bela história perdida da comunidade canguçuense o que conseguimos. Agora só nos falta com o auxílio da comunidade construirmos a Casa da Memória de Canguçu-a sede da Academia Canguçuense de História para orientar o futuro de Canguçu com o apoio de sua História, coerente com esta definição: A História é instrumento para se conhecer o passado, para entender o presente, para melhor se construir o futuro. Fizemos a nossa parte. Esperamos que outros canguçuenses dêem continuidade.



ACADEMIA CANGUÇUENSE DE HISTORIA

Breve Histórico

Acadêmica Yonne Maria Sherer Bento

Vice presidente da ACANDHIS

A Academia Canguçuense de História (ACANDHIS) foi fundada em 13 de setembro de 1988 no Centenário de Conrado Ernâni Bento, (1888-1966) que foi consagrado como o seu patrono e conhecido dos canguçuenses de seu tempo como "Major Ernâni" ou simplesmente "Major". Foi um historiador nato e autodidata, graças a sua inteligência privilegiada. "Foi o tabelião dos tempos de Canguçu, na feliz expressão de Osório Santana Figueiredo, além de haver sido tabelião por profissão.

Ele foi um colecionador, anotador e preservador incansável de fontes históricas relacionadas a eventos políticos, sociais, econômicos culturais que marcaram a identidade da comunidade canguçuense. Eventos de que muitos dos quais participou, testemunhou ou ouviu e guardou testemunho dos mais antigos que ouviu quando menino e jovem. E em especial o seu avô Antônio Joaquim Bento, o primeiro professor régio para meninos de Canguçu município, o seu pai Cel. GN Genes Gentil Bento intendente de Canguçu (1905/1916) e de seu tio Hermes Laranja Bento. Assim se sentiu na obrigação moral de coletar, anotar e preservar essas fontes históricas para que seus pósteros conhecessem um pouco do passado da terra e gente canguçuense que ele tanto amava.

Conrado Ernâni Bento foi o inspirador e primeiro mestre do consagrado historiador Coronel Cláudio Moreira Bento, seu filho, que foi o idealizador, fundador e presidente da ACANDHIS, desde a sua criação. E hoje a sua âncora cultural em História, conforme mensagem que recebeu dos integrantes da ACANDHIS, em 19 de setembro de 1999, ao ser destacado pela hoje cinquentenária Rádio Liberdade, com o Troféu Mérito Comunitário, junto com outras personalidades.

E tudo em razão de sua larga experiência como historiador de projeção regional, estadual, nacional e mesmo internacional, como o demonstra o seu riquíssimo currículo cultural disponível na Internet. E, sobretudo como o pesquisador e o historiador intérprete do passado de Canguçu, há 55 anos, desde 1956, o seu amado torrão natal.

A ACANDHIS tem por objetivo:

"Congregar social e culturalmente, aqueles que são cultores da História, Folclore e Tradições de Canguçu, e assim e deste modo se constituir em mensageira dos valores espirituais, morais de nossos antepassados canguçuenses de nascimento e de coração, para as gerações do presente e do futuro."

Enfim, para manter acesa e viva a identidade e perspectiva históricas de Canguçu para que seus filhos possuam a firme consciência de onde vieram, onde estão e para onde estão indo.

E não," *como uma nau perdida e sem bússola numa tempestade, que não sabe de onde veio, aonde está e para onde é que está indo.*" como NOSSO PRESIDENTE refere com frequência.

Corpo de associados da ACANDHIS Acadêmicos e cadeiras

Acadêmica Secretaria Alliete Marfins Ribeiro

Acadêmico emérito: Coronel Claudio Moreira Bento continua vinculado à cadeira n°7

Acadêmicos: Ocupantes das seguintes cadeiras numeradas:

n° 1 - Zeferino Couto Terres - Cel. GN Leão da Silveira Terres. Foi ocupada por Leão Pires Terres (falecido)

n° 2 -Alda Maria de Moraes Jacottet - Barão de Comentes,

Felisberto Inácio da Cunha, "O Oficial da Ordem da Rosa."

n° 3 - Sebastião Ribeiro Neto - Cap. GN João Simões Lopes Neto, "O Rapsodo Bárbaro dos Pampas." Foi ocupada por Maj. Ângelo Pires Moreira.

n° 4 - Yonne Maria Scherer Bento - Cel. GN Genes Gentil Bento, "O administrador público."

n° 5 - Laedi Bachini Bosembecker - Prof. André Puente, "O grande pedagogo Rio-grandense."

n° 6 - Ceres da Rosa Goulart - Prof. Eduardo Wilhelm, "O grande mestre alemão enamorado de Canguçu."

n° 7 - Luiza Helena Moreira da Silveira - Cap. GN Carlos Norberto Moreira, "O empresário de transportes e poeta." Foi inaugurada pelo Coronel Cláudio Moreira Bento até ser elevado a acadêmico emérito, continuando vinculado a cadeira..

n° 8 - Armando Eciquio Peres - Gen. (Revolução de 1923) Zeca Neto, José Antônio de Souza Neto, "O condor dos Tapes."

n° 9 - Vaga - Ten. Honorário do Exército Franklin Máximo Moreira, "O fundador do Clube Harmonia".Cadeira que foi inaugurada pelo falecido acadêmico Dr Amilton Valente da Silveira.

n° 10 - Maria Helena Fonseca Rodrigues - Cel. Farroupilha Joaquim Teixeira Nunes, "A maior lança farrapa."

n° 11- Yone Meireles Prestes - Dr. Walter de Oliveira Prestes, "O repórter de Canguçu."

n° 12 - Aliette Martins Ribeiro - Gen Hon. Hipólito Antônio Ribeiro, "O vanguardeiro no Paraguai."

n° 13 - Carlos Eugênio Meireles - Cel. PM Juvêncio Maximiliano Lemos, "O Herói valoroso e leal da Brigada Militar."

n° 14 - Lucio Newton Prestes - Ten. Cel. João Paulo Prestes, "O jornalista canguçuense."

n° 15 - Vanja Rocha Wiskow - Clóvis da Rocha Moreira, "O menestrel satírico."

n° 16 - Elida de Ávila Canez, - Capitão José Henrique Barbosa (O Herói que morreu em defesa da Pátria no Paraguai). Foi ocupada pela falecida acadêmica Marlene Barbosa Coelho.

n° 17 - Anna Luiza de Souza Thomas - José Maria de Souza Oliveira, "A âncora cultural da Flórida."

n° 18 - Rosenda Barbosa Telesca - Arcebispo Dom Ota-viano Pereira de Albuquerque, "O grande religioso filho de Canguçu."

n° 19 - Cairo Moreira Pinheiro - Ten. Farroupilha Manuel Alves da Silva Caldeira, "O memorialista do Decênio Heróico."

n° 20 - Moacyr Pereira de Mattos - Ten. Cel. Honorário do Exército Theóphilo de Souza Mattos, "O comandante dos canguçuenses na Guerra do Paraguai."

n° 21 - Flávio Azambuja Kremer - Comendador Manoel José Gomes de Freitas, "O primeiro historiador de Canguçu."

n° 22 - Gilberto Moreira Mussi - Dr. Luiz Oliveira Lessa, "O canguçuense laureado em Medicina."

n° 23 - Ivete Possas da Silveira - Ermílio Campos, "O âncora cultural dos Campos."

n° 24 - Ir. Cecília Ivone Rigo - Ir. Maria Firmina Simon "A grande mestra e educadora do Colégio Aparecida"

n° 25 - Luis Carlos Valente da Silveira - Raul Soares da Silveira "O tradicionalista gaúcho emérito,

n° 26- (Vaga) Dr Nilson Meireles Prestes . "O artista plástico preservador em texto e em aquarelas da memória arquitetônica de Canguçu".

Nota: Ainda não foram inauguradas as cadeiras Major Farroupilha Vicente Ferrer de Almeida, Longhin Van Hauser e Dr. Nilson Meireles Prestes.

Homenageado pela ACANDHIS

Professor Antonio Joaquim Bento primeiro professor régio para meninos de Canguçu, em 1857. Além dos citados, a Academia possui diretorias honorária e executiva e, associados:

Patrono: Conrado Ernâni Bento.

Presidente de Honra: Prefeito do Município - Cássio Luiz Freitas Mota.

Ocuparam a presidência de Honra os prefeitos Odilon Almeida Meskó, Nelson Edi Grigolleti e Domínio Camargo.

Diretoria Executiva

Presidente: Cel. Cláudio Moreira Bento.

Vice-Presidente: Yonne Maria Scherer Bento.

Coordenadora: Laedi Bachini Bosembecker.

Coordenador Cultural: Cairo Moreira Pinheiro.

Secretária: Aliette Martins Ribeiro.

Tesoureira: Rosenda Barbosa Telesca.

Acadêmico falecidos: Leão Pires Terres, Major Ângelo Pires Moreira e Dr Amilton Valente da Silveira

Sócios Beneméritos: Falecidos Firmo Moreira, Egídio Camargo, Joaquim de Deus Nunes, Luiz Carlos Barbosa Lessa, Arnaldo Pires Terres e Amilton Valente da Silveira.

Sócios Efetivos: Darcy Soares de Freitas Adão Jesus Marques (falecido), Bazílio de Souza Barbosa, Conrado Ernâni Bento Neto, Darcy Soares de Freitas, Jardel Valente Moreira, Maria da Graça Valente da Silveira, Maria Ivonete da Silva Tessmann, Maria de Lourdes Brandão Jorge, Norma Rocha (falecido), Ingrid Goulart Bohmer, Vivian Oliveira de Moura, Laura Oliveira Domingues, Karen Telesca, Jussara Vargas Ribeiro, Gladis Hackbart Goulart, Iuri Jivago L. Guterres, Geisa Goulart Bohmer, Nestor Van Hausen,

Laura Leal Mota, Zuleica Reis Barbosa, Geder Barbosa, Paulo Fernando Souza, Beatriz Souza, Ari Silveira Borges e Magali Rocha Borges, Davis de Oliveira e Mário Luiz Ribeiro Fonseca.

Sócios Colaboradores: Adriano Telesca Mota, Dr. Cleber Mattos Fonseca, Jaques dos Santos Oliveira, José Lino Dias, José Moreira Bento, Nestor Teixeira Van-Hausen, Carmen Schiavon, Ivone Leda do Amaral (falecida), Anélio Duarte Almeida, Antônio Saraiva e Cristina Dias Ribeiro.

Sócios Correspondentes: Osório Santana Figueiredo, Cel. Luiz Ernâni Caminha Giorgis, Ivo Caggiani (falecido), Ten. Cel. Brigada Militar José Luiz Silveira (falecido), Luiz Marchiot-ti Fernandes e Coralio Bragança Cabeda.

Sócias Júnior: Camila Rocha Wiskow Bento, Helena Bento Bosembecker, Elisa Bento Bosembecker e Laura Domingues.

Notas complementares

Acadêmico coordenador Jornalista

Cairo Moreira Pinheiro

Medalha Cerro da Liberdade; Instituída pela ACANDHIS e concedida a acadêmicos e personalidades de destaque na construção da comunidade.

O **Memória**: É o informativo da ACANDHIS

A ACANDHIS na Internet: Possui matérias de interesse da História de Canguçu em Artigos sobre Canguçu no site da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB) no site www.ahimtb.com.br administrado pelo Comandante da Marinha Carlos Norberto Bento, filho do Presidente, e nos www.acandhis.blogspot.com e <http://pont.ode-culturaacandhis.blogspot.com/>

A ACANDHIS e os Pontos de Cultura em Canguçu:

PONTO DE CULTURA; o que é: Ponto de Cultura é um projeto financiado pelo Ministério de Cultura dentro do Programa Mais Cultura e, na nossa região Coordenado pela Universidade Federal de Rio Grande - FURG - Pró-Reitoria de Extensão e Cultura e executado, no Município, pela ACANDHIS. O nosso Ponto de Cultura tem como Título : ACANDHIS : VIDA E CULTURA. O que visa? Ponto de Cultura é um elo entre a sociedade e o Estado que possibilita o desenvolvimento de ações culturais sustentadas pelos princípios de autonomia, protagonismo e empoderamento social, integrando uma gestão compartilhada e transformadora da entidade selecionada.

AACANDHIS celebrou contrato para administrar o Projeto Pontos de Cultura em Canguçu por indicação de seu presidente de Honra o prefeito Cássio Luiz Freitas Mota e no seguinte contexto:

Objeto: Convênio que entre si celebram a Universidade Federal do Rio Grande - FURG, a Fundação de Apoio à Universidade Federal do Rio Grande - FAURG, com recursos do Ministério da Cultura, e a Academia Canguçuense de História -ACANDHIS, para apoio ao projeto Pontos de Cultura no Sul do Rio Grande do Sul - Rede de Pontos de Cultura da FURG. O Projeto vem sendo administrado pela ACANDHIS e em especial pelos acadêmicos jornalista Cairo Moreira Pinheiro e Ivete Possas da Silveira sob a supervisão da vice presidente da ACANDHIS no exercício da Presidência, acadêmica Yonne Maria Sherer Bento. O desenvolvimento do projeto pode ser acompanhado pelo blog <http://pontodeculturaacandhis.blogspot.com/> E a ACANDHIS objetiva em 2012, ano do Bicentenário de Canguçu Freguesia concretizar o projeto de sua sede, com apoio do Ministério da Cultura e da Prefeitura e comunidade para enfim Canguçu possuir um abrigo para a sua memória histórica.

A sede da ACANDHIS e sua pedra fundamental



Lançamento da pedra fundamental da Academia Canguçuense de História

Lançamento da pedra fundamental da Academia Canguçuense de História (ACANDHIS) no dia 22 de maio de 2010, na comemoração do Bicentenário do Brigadeiro Antônio de Sampaio, o Patrono da Infantaria do Exército, o qual, em prédio que existiu a esquerda da cena ai focalizada e como Capitão teve o seu Posto de Comando de 1845/49, no comando de uma Companhia de Infantaria com a missão de consolidar a Paz de Ponche Verde na região. Na foto, da esquerda para a direita. Dr Sebastião Ribeiro Neto da Rádio Liberdade. E com a capa de acadêmicos: Irmã Cecília Rigo, oradora do evento, Laedi Bachini Bosenbecker, Dr Luis Carlos Valente da Silveira, Elida de Ávila Canez, Aliette Martins Ribeiro, jornalista Cairo Moreira Pinheiro, mostrando o projeto do prédio, Coronel Cláudio Moreira Bento, homenageado nos dizeres de placa afixada na pedra fundamental e, o General de Brigada Luiz Eduardo Ramos Batista Pereira, então comandante da 8ª Brigada de Infantaria Motorizada em Pelotas e ex-aluno de História Militar, em 1978, do Presidente da ACANDHIS e atualmente comandante das Forças de Paz da ONU no Haiti. O local do projeto sede situa-se entre o Teatro 27 de junho Professor Antonio Joaquim Bento e a Casa da Cultura Professora Marlene Barbosa Coelho. O presidente de Honra da ACANDHIS, prefeito Cássio Luiz Freitas Mota, em missão em Brasília, se fez representar por seu Secretário de Cultura Andrio Aguiar.